



**Universidade Federal do Rio Grande do Sul**

**BRUNA BADO CORRÊA**

**AS RELAÇÕES INTERNACIONAIS DO QUEBEC  
– UM ESTUDO DE CASO –**

**Porto Alegre**

**2009**



**Universidade Federal do Rio Grande do Sul**

**BRUNA BADO CORRÊA**

**AS RELAÇÕES INTERNACIONAIS DO QUEBEC  
– UM ESTUDO DE CASO –**

Monografia apresentada junto ao curso de Relações Internacionais da UFRGS como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel.

Orientador: Prof. Dr. Álvaro Luiz Heidrich

**Porto Alegre**

2009

*A duas pessoas, Lourival e Maria Bernadette,  
que nunca mediram esforços para realizar meus sonhos,  
que me mostraram que valores são o que temos de mais importante  
e que me ensinaram a sempre lutar pelo que queremos e acreditamos.*

*A eles devo a pessoa que me tornei.*

*Sou extremamente feliz e tenho muito orgulho de chamá-los de pai e mãe.*

*Pai, mãe e mano, amo vocês!*

# Sumário

<b>Introdução</b> .....	<b>4</b>
<b>1. Um Panorama Atual do Cenário Internacional</b> .....	<b>6</b>
1.1. O Realinhamento da Economia Mundial.....	7
1.2. Integração Econômica, Desenvolvimento Sustentável e Distribuição de Riquezas .....	11
1.3. Tecnologia, Conhecimento e Cultura.....	18
1.4. Novas Ameaças e Novos Atores.....	21
<b>2. A Questão Nacional</b> .....	<b>24</b>
2.1. Aspectos Sócio-Culturais .....	26
2.1.1. Identidade Nacional e Pluralismo .....	26
2.1.2. Nacionalismo Minoritário.....	29
2.2. Aspectos Político-Legais.....	30
2.2.1. Soberania <i>versus</i> Autonomia.....	30
2.2.2. O Caso Quebequense .....	31
<b>3. As Relações Internacionais do Quebec</b> .....	<b>35</b>
3.1. Américas .....	36
3.1.1. Estados Unidos.....	36
3.1.2. México .....	40
3.1.3. Brasil.....	43
3.2. Europa .....	46
3.2.1. França.....	47
3.2.2. Alemanha.....	50
3.2.3. Reino Unido .....	52
<b>Conclusão</b> .....	<b>55</b>
<b>Referências Bibliográficas</b> .....	<b>57</b>

## Introdução

No decorrer das últimas décadas, muitas foram as mudanças ocorridas no cenário internacional. Dentre elas, destaca-se a emergência de novos atores do Sistema Internacional, que surgem como resultado de dois fenômenos que, ainda que em considerável medida antagônicos, são também complementares e de importância inegável: a globalização e o regionalismo. Assim, para uma melhor compreensão das relações internacionais contemporâneas, é necessário ultrapassar o nível de análise que privilegia as interações intergovernamentais – embora o Estado ainda goze de um status privilegiado no plano internacional, as relações ocorridas nessa esfera de modo algum se limitam a ele.

Nesse contexto, considerados os agentes subnacionais oriundos dos fenômenos acima mencionados, surge a concepção daquilo que passou a ser genericamente denominado *paradiplomacia*, sendo *protodiplomacia* um tipo específico dessa atuação dos novos atores em questão, mais comum e adequadamente aplicado ao caso específico do Quebec, conforme se verifica a partir da definição proposta por Bache & Mitchell (1999 *apud* FRONZAGLIA, 2005):

*“Para-diplomacy refers to activities parallel to, often co-ordinated with, complementary to, and sometimes in conflict with centre-to-centre macro diplomacy. Proto-diplomacy refers to initiatives and activities of a non central government abroad that graft a more or less separatist message on to its economic, social and cultural links with foreign nations.”<sup>1</sup>*

Dessa forma, compreendendo que é necessário aceitar a concepção de que existem outros atores além do Estado que estão em competição direta com o seu próprio governo, constituindo uma zona fronteira estreita e enfumaçada (HILL, 2003) e, mais que isso, considerar as motivações e os fatores desencadeadores do processo em cada caso específico, busca-se aqui analisar as principais mudanças que têm ocorrido no cenário internacional, correlacionando-as com a situação

---

<sup>1</sup> Paradiplomacia se refere a atividades paralelas a, freqüentemente coordenadas com, complementares a, e por vezes conflitantes com a diplomacia do governo central. Protodiplomacia se refere a iniciativas e a atividades de um governo não central imbuídas de um espírito mais ou menos separatista em relação a suas ligações econômicas, sociais e culturais com nações estrangeiras. (tradução da autora)

específica da província francófona. Além disso, sendo o Quebec, dentre os Estados não-soberanos, aquele que, sem dúvidas, opera a mais vasta rede de representações internacionais (BALTHAZAR, 2003), o que o presente trabalho propõe é, justamente, examinar os fatores econômicos, sociais, culturais e políticos que direta e indiretamente impactam a realidade da região, mapeando-se então sua atividade internacional e analisando qual destes conjuntos de fatores seria aquele que efetivamente sustenta tal comportamento protodiplomático.

Por fim, cabe salientar, tal iniciativa baseia-se no fato de que um número bastante vasto de produções acadêmicas, além, claro, de evidências empíricas, aponta na direção da complexificação das relações exteriores de governos subnacionais. Entretanto, ainda que a importância das primeiras seja indiscutível, essas, em sua maioria, abordam a questão sob uma ótica mais panorâmica, não privilegiando particularidades e aspectos característicos quando de sua ocorrência em áreas específicas do globo, tal como aqui proposto. Assim, o que se faz ao longo do presente trabalho é transitar entre as teorias, os conceitos e as definições já elaboradas acerca dessa questão e, com base nisso, analisa-se o caso particular do Quebec, consideradas as especificidades relevantes.

## 1. Um Panorama Atual do Cenário Internacional

Para melhor compreender a nova configuração no cenário internacional, particularmente no que diz respeito ao papel desempenhado pelos novos atores, ajuda recorrer à definição liberal de Sistema Internacional, que afirma que esse não constitui propriamente uma estrutura, e sim um processo mais amplo, no qual ocorrerem múltiplas interações entre os diferentes atores que o integram e também no qual esses atores aprendem com as interações que estabelecem (MINGST, 2001). Nessa concepção, a idéia de “atores” inclui não apenas Estados, mas também organizações governamentais internacionais, tais como a ONU; organizações não-governamentais, como o Observatório de Direitos Humanos, por exemplo; e corporações multinacionais, além de atores subnacionais – cada um desses atores interagindo com todos os outros. No que diz respeito a seus interesses, esses seriam muitos e os mais variados, abrangendo de questões econômicas a questões sociais e até mesmo de segurança, consideradas de maior ou menor importância de acordo com o passar do tempo e as circunstâncias.

Corroborando essa idéia, Keohane & Nye (2001) descrevem o Sistema Internacional como um sistema interdependente no qual os diferentes atores são não apenas “sensíveis a” (afetados por), mas também “vulneráveis a” (sofrem efeitos consideravelmente custosos provenientes das) ações dos demais atores. Assim, é possível afirmar que em sistemas interdependentes, tais como o proposto pelos autores, existem múltiplos canais conectando os Estados, sejam eles aqueles estabelecidos entre as elites governamentais, entre as elites não-governamentais ou entre organizações transnacionais, por exemplo. Muito em função disso, múltiplos e diversos são os assuntos e agendas que emergem deste cenário, não existindo uma hierarquia formal desses.

Outro importante aspecto a ser considerado no novo cenário que se apresenta, explica Mingst (2001), é a ocorrência constante de mudanças, que resultam, essencialmente, de três grandes fatores. Primeiramente, elas podem ser fruto de desenvolvimentos tecnológico exógenos, ou seja, do progresso que ocorre de modo independente, ou fora do controle dos atores no sistema – exemplos disso seriam as mudanças nas comunicações e nos transportes, que foram responsáveis pelo aumento no nível de interdependência no Sistema Internacional. Segundo, tais

mudanças podem ocorrer em função da mudança da importância relativa de determinados assuntos, de diferentes matérias – cita-se, aqui, a emergência nas últimas décadas do século XX de tópicos econômicos que acabaram por substituir o anterior foco em questões relacionadas à segurança nacional, a exemplo do que tem ocorrido neste século, onde temas relacionados aos direitos humanos e a questões ambientais têm assumido um importante lugar na agenda internacional. Terceiro, mas não menos importante, as já referidas mudanças podem resultar do surgimento (ou fortalecimento) de novos atores (corporações multinacionais, organizações não-governamentais, entre outros) que podem vir a sobrepujar ou até mesmo, dependendo do contexto e da matéria, substituir atores estatais.

Nesse sentido, e com o objetivo de melhor compreender essas mudanças ocorridas no cenário internacional ao longo dos últimos anos, a seguir são discutidos aqueles que foram identificados pelo Ministério das Relações Internacionais do Quebec (2006) como os grandes grupos de acontecimentos e de tendências que teriam um mais forte impacto sobre a região. São eles: o realinhamento da economia mundial; integração econômica, desenvolvimento sustentável e distribuição de riquezas; tecnologia, conhecimento e cultura; e novas ameaças e novos atores.

### ***1.1. O Realinhamento da Economia Mundial***

Em tempos de realinhamento da economia mundial, a supremacia econômica estadunidense ainda constitui um aspecto-chave para análise e compreensão do ambiente internacional. De acordo com dados do Banco Mundial (2009), os Estados Unidos foram, em 2008, responsáveis por pouco mais de 23% da produção mundial, além de figurarem no topo do ranking de comércio internacional de produtos e serviços, segundo dados da Organização Mundial do Comércio (2009). Além disso, apesar do recente hiato recessivo da economia mundial, o país continua sendo a economia mais dinâmica do mundo, devido, sobretudo, a ganhos de produtividade resultantes de avanços científicos e tecnológicos. Não obstante, o Acordo de Livre



Comércio da América do Norte (NAFTA<sup>2</sup>) consolidou a posição da América do Norte como uma das zonas líder da atividade econômica mundial.

A União Européia, por sua vez, iniciou seu processo de integração após a II Guerra Mundial com o objetivo fundar as bases para a cooperação econômica, política e social e é hoje uma comunidade composta por aproximadamente 500 milhões de habitantes e fortemente integrada. Além disso, a adoção de uma moeda comum pela maior parte dos países do bloco e o desenvolvimento de regras comuns e de uma padronização em relação a um grande número de matérias facilitou significativamente as relações comerciais internas do bloco, que hoje emerge como a segunda maior economia mundial.

Muito importantes também, os fluxos comerciais e de investimento provocaram a ascensão de economias emergentes, que passam a rivalizar com as economias desenvolvidas. De todos os continentes, a Ásia é, aparentemente, aquela que está se beneficiando mais da globalização: juntamente com o Japão, que segue figurando como potência econômica, nos últimos anos China e Índia passaram a integrar o ranking das maiores economias do globo. Já a Rússia, não só por sua história, mas principalmente por sua condição de potência mundial e pelo fato de pertencer ao G8, têm feito sentir seu peso sobre a economia mundial graças, notadamente, à exploração de recursos naturais como o gás e o petróleo, além do crescimento significativo de sua produção manufatureira. Enquanto isso, o Brasil tem demonstrado possuir um expressivo potencial econômico, além de uma maior atuação política internacional, o que tem assegurado posicionamentos invejáveis em nichos estratégicos do mercado mundial, tais como o agronegócio e a aeronáutica, por exemplo.

O crescimento dessas economias emergentes veio acompanhado de significativos ajustes na distribuição da produção global. Esses ajustes não apenas impactaram o setor de bens de consumo tradicionais, como pode ser facilmente verificado nas Tabelas 1 e 2, mas também o setor de serviços e de alta tecnologia, que deixaram de estar concentrados apenas nos países desenvolvidos.

---

<sup>2</sup> Do original, em inglês, *North-American Free Trade Agreement*.

Tabela 1 - Exportações Mundiais de Mercadorias (1948-2007)

	1948	1953	1963	1973	1983	1993	2003	2007
	<b>Valor (US\$ bi)</b>							
<b>Mundo</b>	<b>59</b>	<b>84</b>	<b>157</b>	<b>579</b>	<b>1838</b>	<b>3675</b>	<b>7375</b>	<b>13619</b>
	<b>Participação (%)</b>							
<b>Mundo</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>
<b>América do Norte</b>	<b>28,1</b>	<b>24,8</b>	<b>19,9</b>	<b>17,3</b>	<b>16,8</b>	<b>18,0</b>	<b>15,8</b>	<b>13,6</b>
Estados Unidos	21,7	18,8	14,9	12,3	11,2	12,6	9,8	8,5
Canadá	5,5	5,2	4,3	4,6	4,2	4,0	3,7	3,1
<b>Américas do Sul e Central</b>	<b>11,3</b>	<b>9,7</b>	<b>6,4</b>	<b>4,3</b>	<b>4,4</b>	<b>3,0</b>	<b>3,0</b>	<b>3,7</b>
Brasil	2,0	1,8	0,9	1,1	1,2	1,0	1,0	1,2
<b>Europa</b>	<b>35,1</b>	<b>39,4</b>	<b>47,8</b>	<b>50,9</b>	<b>43,5</b>	<b>45,4</b>	<b>45,9</b>	<b>42,4</b>
Alemanha	1,4	5,3	9,3	11,6	9,2	10,3	10,2	9,7
França	3,4	4,8	5,2	6,3	5,2	6,0	5,3	4,1
Reino Unido	1,8	1,8	3,2	3,8	5,0	4,9	4,1	3,2
<b>Comunidade Estados Independentes</b>	<b>-</b>	<b>-</b>	<b>-</b>	<b>-</b>	<b>-</b>	<b>1,5</b>	<b>2,6</b>	<b>3,7</b>
<b>África</b>	<b>7,3</b>	<b>6,5</b>	<b>5,7</b>	<b>4,8</b>	<b>4,5</b>	<b>2,5</b>	<b>2,4</b>	<b>3,1</b>
<b>Ásia</b>	<b>14,0</b>	<b>13,4</b>	<b>12,5</b>	<b>14,9</b>	<b>19,1</b>	<b>26,1</b>	<b>26,2</b>	<b>27,9</b>
China	0,9	1,2	1,3	1,0	1,2	2,5	5,9	8,9
Japão	0,4	1,5	3,5	6,4	8,0	9,9	6,4	5,2
Índia	2,2	1,3	1,0	0,5	0,5	0,6	0,8	1,1

Fonte: World Trade Organization (2008)

Tabela 2 - Importações Mundiais de Mercadorias (1948-2007)

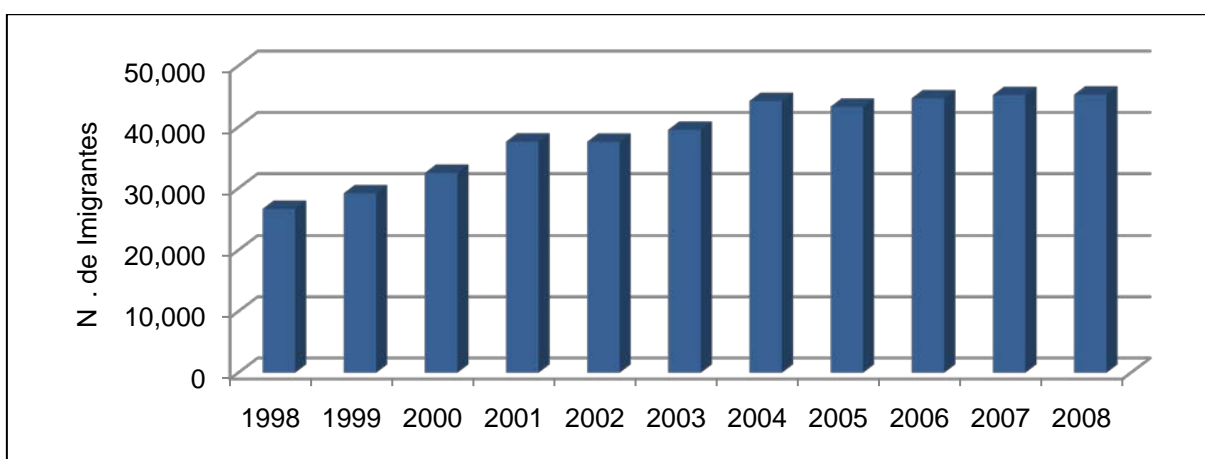
	1948	1953	1963	1973	1983	1993	2003	2007
	<b>Valor (US\$ bi)</b>							
<b>Mundo</b>	<b>62</b>	<b>85</b>	<b>164</b>	<b>595</b>	<b>1882</b>	<b>3787</b>	<b>7691</b>	<b>13968</b>
	<b>Participação (%)</b>							
<b>Mundo</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>
<b>América do Norte</b>	<b>18,5</b>	<b>20,5</b>	<b>16,1</b>	<b>17,2</b>	<b>18,5</b>	<b>21,4</b>	<b>22,5</b>	<b>19,4</b>
Estados Unidos	13,0	13,9	11,4	12,3	14,3	15,9	16,9	14,5
Canadá	4,4	5,5	3,9	4,2	3,4	3,7	3,2	2,8
<b>Américas do Sul e Central</b>	<b>10,4</b>	<b>8,3</b>	<b>6,0</b>	<b>4,4</b>	<b>3,8</b>	<b>3,3</b>	<b>2,5</b>	<b>3,3</b>
Brasil	1,8	1,6	0,9	1,2	0,9	0,7	0,7	0,9
<b>Europa</b>	<b>45,3</b>	<b>43,7</b>	<b>52,0</b>	<b>53,3</b>	<b>44,2</b>	<b>44,6</b>	<b>45,0</b>	<b>43,4</b>
Alemanha	2,2	4,5	8,0	9,2	8,1	9,0	7,9	7,6
França	5,5	4,9	5,3	6,3	5,6	5,7	5,2	4,4
Reino Unido	13,4	11,0	8,5	6,5	5,3	5,5	5,2	4,4
<b>Comunidade Estados Independentes</b>	<b>-</b>	<b>-</b>	<b>-</b>	<b>-</b>	<b>-</b>	<b>1,2</b>	<b>1,7</b>	<b>2,7</b>
<b>África</b>	<b>8,1</b>	<b>7,0</b>	<b>5,2</b>	<b>3,9</b>	<b>4,6</b>	<b>2,6</b>	<b>2,1</b>	<b>2,6</b>
<b>Ásia</b>	<b>13,9</b>	<b>15,1</b>	<b>14,1</b>	<b>14,9</b>	<b>18,5</b>	<b>23,6</b>	<b>23,5</b>	<b>25,3</b>
China	0,6	1,6	0,9	0,9	1,1	2,7	5,4	6,8
Japão	1,1	2,8	4,1	6,5	6,7	6,4	5,0	4,4
Índia	2,3	1,4	1,5	0,5	0,7	0,6	0,9	1,6

Fonte: World Trade Organization (2008)

Entretanto, não se pode ignorar que as turbulências econômicas tão recorrentes no cenário internacional não cessarão enquanto trocas comerciais forem realizadas tendo por base uma taxa de troca que não refletem com exatidão as condições de oferta e de demanda do mercado. Como explica Stiglitz (2004), enquanto os países industrializados discursaram em favor da (e de muitos modos forçaram a) abertura dos mercados dos países em desenvolvimento para seus produtos industriais, esses mesmo países têm mantido, em grande parte, seus mercados fechados para os produtos desses últimos, essencialmente têxteis e produtos agrícolas, além de continuar a subsidiar amplamente os produtores locais.

Fora isso, a abertura de fronteiras, a instabilidade política e a distribuição desigual de riquezas de (e entre) vários países contribuíram para os grandes fluxos de migração, que dobraram nos últimos quarenta anos. No Quebec, em particular, apenas na última década, o número de imigrantes cresceu 70% (Gráfico 1). Conseqüência direta disso, os imigrantes têm desempenhado um papel cada vez mais expressivo no que diz respeito ao balanço demográfico e ao mercado de trabalho dos países e regiões desenvolvidos, pólos de atração humana incontestáveis.

Gráfico 1 – Imigração Internacional para o Quebec (1998-2008)



Fonte: Banque de Données Statistiques du Québec (2009)

Tais mudanças têm um impacto direto sobre o Quebec na medida em que afetam tanto seus negócios quanto seus trabalhadores, além de colocarem em risco sua capacidade de competir, especialmente no que diz respeito àquele que ainda é

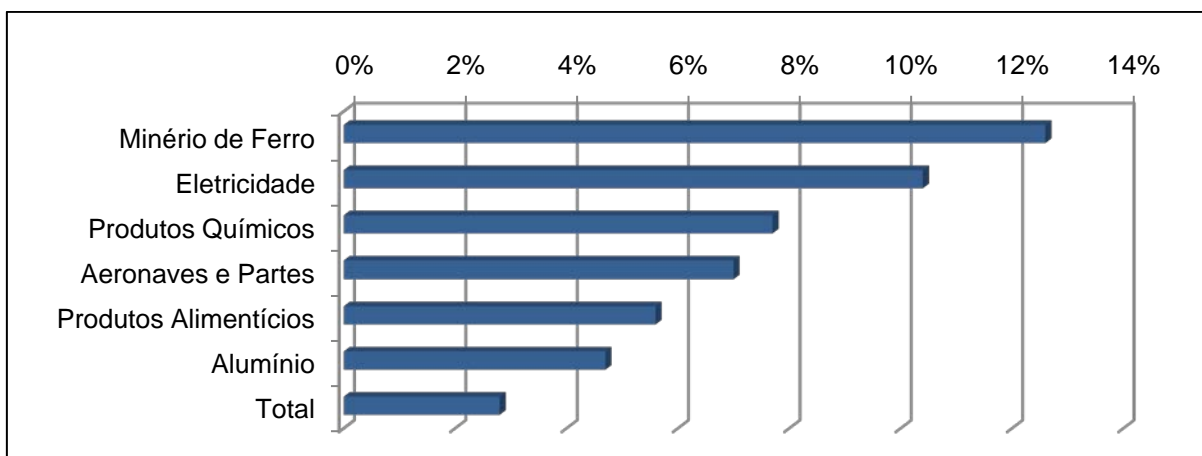
o seu principal mercado, os Estados Unidos. Assim, não há outra solução para o Estado quebequense que não buscar se adaptar ao novo ambiente econômico internacional, consolidar sua posição em mercados tradicionais e buscar aproveitar as oportunidades surgidas, justamente, da emergência dessas economias.

## ***1.2. Integração Econômica, Desenvolvimento Sustentável e Distribuição de Riquezas***

De acordo com Gonçalves et al. (1998), a integração econômica pode ser definida como o processo de criação de um mercado integrado, a partir de três instrumentos, quais sejam: a progressiva eliminação de barreiras ao comércio, o movimento de fatores de produção e a criação de instituições que permitam a coordenação, ou até mesmo a unificação, de políticas econômicas em uma região geográfica, seja ela contígua ou não. Além disso, como explica o autor, a teoria de integração econômica possui duas vertentes teóricas: a primeira, cujo principal teórico é Viner (1950), é baseada em conceitos tradicionais da teoria pura do comércio internacional, que se fundamenta nos conceitos de vantagens comparativas estáticas e de especialização comercial; já a segunda é inspirada por argumentos protecionistas, tais como o conceito de indústria nascente elaborado por List (1883), e por conceitos da teoria do desenvolvimento.

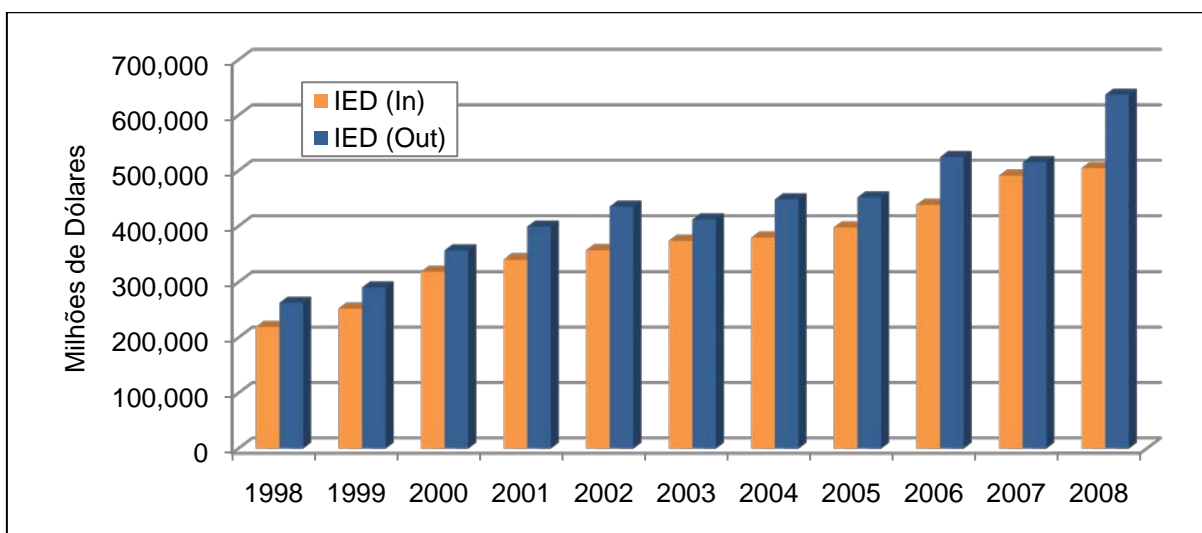
Muito importante, esse processo de integração econômica intensificado nas últimas décadas resultou em um rápido crescimento dos níveis de comércio internacional, como pode ser observado no exemplo do Quebec (Gráfico 2). Além disso, tal crescimento veio também acompanhado de uma ainda mais rápida elevação dos níveis de investimento externo direto, como mostra o caso do Canadá (Gráfico 3), sendo possível afirmar que ambos os acontecimentos estão fortemente relacionados.

Gráfico 2 – Crescimento Médio Anual das Exportações Quebequenses (1998-2008)



Fonte: Ministère des Finances du Québec (2009)

Gráfico 3 – Investimento Externo Direto no/do Canadá (1998-2008)



Fonte: Statistique Canada (2009)

Tal relação se explica na medida em que, ainda segundo Gonçalves et al. (1998), o debate teórico sobre a economia do desenvolvimento no pós-guerra teve como principal consequência a difusão da idéia de que as vantagens comparativas não seriam estáticas, mas sim dinâmicas, sendo construídas por políticas públicas adequadas. Assim, as estratégias de industrialização lideradas pelo Estado viabilizariam a montagem de um setor moderno que, depois de implantado, seria capaz de competir com as demais economias. Entretanto, essas estratégias dependeriam, em boa medida, da capacidade de financiamento de cada nação, a qual, especialmente no que diz respeito aos países emergentes, está diretamente ligada à questão do investimento externo direto, que inegavelmente ajuda a desenvolver a estrutura produtiva desses diferentes países.

Conseqüência direta do crescimento de ambos os níveis, de comércio internacional e de investimentos diretos externos, um volume cada vez maior de exportações de um país é composto de componentes importados de outros países – e o Quebec não é uma exceção a esta tendência. Atualmente, de acordo com publicações do Ministério das Relações Internacionais do Quebec (2006), mais de um terço de suas exportações é composto por materiais provenientes do exterior, sendo o investimento estrangeiro uma parte essencial das estratégias adotadas por um número crescente de companhias quebequenses.

Outra tendência que se deve assinalar é o crescimento da representatividade do setor de serviços, que atualmente perfaz cerca de dois terços da atividade econômica mundial, no âmbito do comércio internacional. No que tange à indústria do turismo, por exemplo, observa-se que esta constitui uma importante parte desse setor, tendo crescido de maneira significativa no decorrer das últimas décadas em virtude, sobretudo, do aumento da riqueza global, da desregulamentação do transporte aéreo e da diminuição relativa dos custos de transporte. De acordo com a Organização Mundial do Turismo (2009), ao longo das últimas seis décadas o turismo experimentou um crescimento e uma diversificação contínuos, tendo surgido um número expressivo de novos destinos, especialmente em países emergentes, além do número de turistas, que passou de 25 milhões em 1950 para 922 milhões em 2008 e que está estimado em 1,6 bilhões em 2020.

Assim, um contexto de recorrentes aumentos do custo de combustíveis ou de elevados níveis de preocupação com questões relativas à segurança, como o que o mundo enfrenta atualmente, pode ter um impacto significativo no futuro dessa indústria nos próximos anos. E, no caso do Quebec, cuja indústria do turismo representa 2,7% de seu PIB, de acordo com o Ministério do Turismo da província (2007), e figura em quinto lugar entre as exportações, um posicionamento cuidadoso faz-se necessário para que a região continue a se beneficiar dessas tendências de longo prazo.

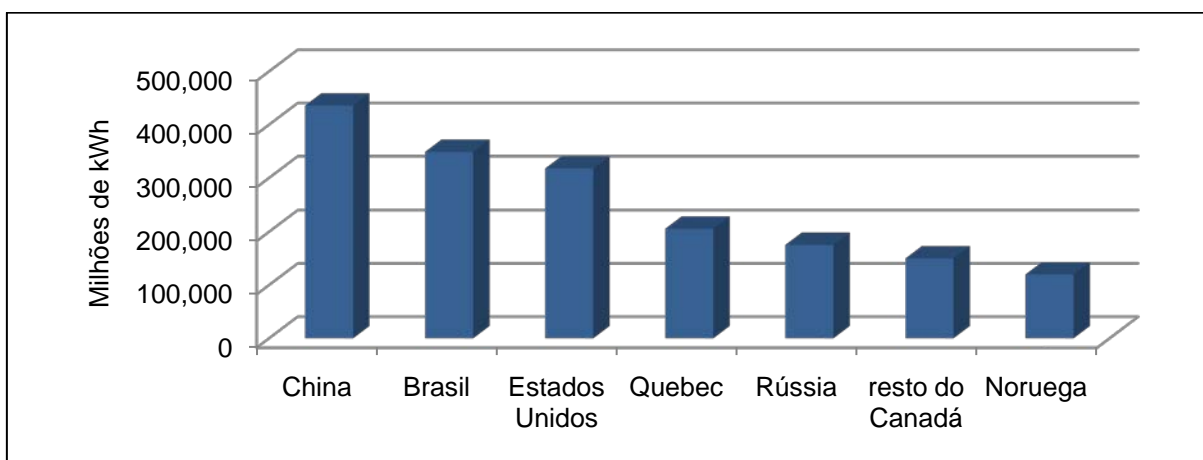
Apesar do consumo mundial de energia ter aumentado, de acordo com a BP (2009), uma das maiores companhias energéticas do mundo, em apenas 1,8% em 2008, a menor taxa de crescimento desde 2001, o que se observa é que existe uma tendência de longo prazo de crescimento das economias desenvolvidas e a rápida industrialização daquelas emergentes, o que têm aumentado a demanda de energia

e de matérias-primas, provocando o aumento de seus preços. Se essa tendência de crescimento global se mantiver, a demanda de energia se multiplicará nas próximas décadas.

Dada a relação direta existente entre o uso de energia e as questões climáticas e, notadamente, aquelas econômicas, decisões que dizem respeito a essa matéria, sem dúvidas, são um dos problemas urgentes no cenário mundial atual. O duplo desafio da comunidade internacional, nesse sentido, reside em encontrar um meio de aumentar sua oferta ao mesmo tempo em que minimiza seu impacto ambiental, o que impõem decisões a serem tomadas por governos e empresas, mas que também oferece oportunidades a ambos, especialmente no que diz respeito ao desenvolvimento de tecnologias relacionadas com energias renováveis e de tecnologias de eficácia energética.

O Quebec, por sua vez, tem mais de 95% do total de sua produção energética concentrados em fontes de energia hidrelétrica (Gráfico 4) e figura em quarto lugar no *ranking* mundial de produtores de energia desse tipo, tendo ficado atrás apenas da China, do Brasil e dos Estados Unidos em 2006 (Gráfico 5), de acordo com dados da Agência Internacional de Energia (2009) e do Ministério dos Recursos Naturais e da Fauna do Quebec (2009). Além disso, nos últimos anos, a província tem investido no desenvolvimento de outras tecnologias alternativas, notadamente aquelas relacionadas à produção de energia eólica e a partir de gás natural.

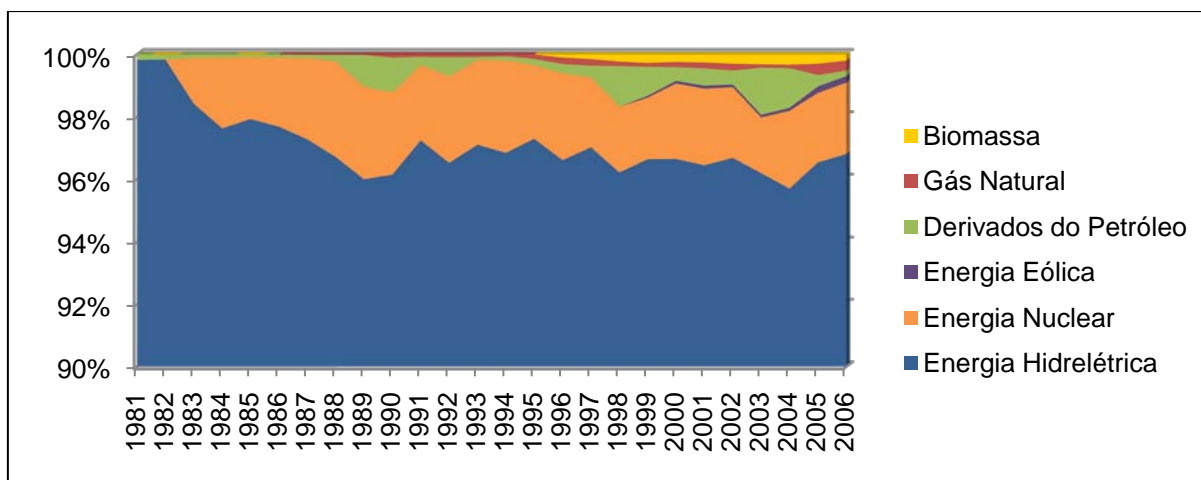
Gráfico 4 – Principais Produtores de Energia Hidrelétrica no Mundo (2006)



Fontes: International Energy Agency (2009)

Ministère des Ressources Naturelles et de la Faune du Québec (2009)

Gráfico 5 – Fontes de Energia do Quebec (1981-2006)



Fonte: Ministère des Ressources Naturelles et de la Faune du Québec (2009)

Certamente, essa capacidade de produção energética constitui um importante instrumento em um contexto internacional onde, como bem resumiu Piebalgs (2006), Comissário para Energia da União Européia, *“The time of cheap energy is over. In addition there are increasing concerns over the ability to match global supply and demand. The world is entering into a new energy era which requires a global response.”*<sup>3</sup>. O grande volume de recursos hídricos ainda disponível e o potencial de outras fontes renováveis de energia sugerem que, no longo prazo, o Quebec pode consolidar seu papel no nordeste do continente americano, em uma possível parceria energética continental.

Nesse contexto, é válido ainda salientar que, como explica Westphal (2006):

*“Energy is one of the most important inputs into any national economy, and can be seen as a production factor itself. Moreover, the availability of energy directly affects the defense capability of any state or alliance. The traditional narrow goals of securing energy supply have been linked to the availability, to adequate and predictable energy prices, and to diversification. [...] Thus, the domestic management of scarce energy resources and of energy dependency is not only an issue of domestic policies, but also a central issue of foreign economic policy. It is so because, it has to do not only with the management of the domestic consequences of energy dependency, which is related for instance to the energy mix,*

<sup>3</sup> Os tempos de energia barata acabaram. Além disso, existem crescentes preocupações a respeito do equilíbrio entre oferta e demanda de energia. O mundo está entrando em uma nova era que exige uma resposta global. (tradução da autora)



*but also with the management of an external dependency relationship.”<sup>4</sup>*

Outro ponto importante é a questão da escassez de recursos naturais, vitais para o bem-estar humano. De todas as questões que emergem desta matéria, o acesso a um volume suficiente de água e a administração de suas reservas é aquela que se destaca e que constitui um dos grandes desafios do século XXI. De acordo com estimativas da Davis & Hirji (2003), o uso mundial de água cresceu 500% no decorrer dos últimos cem anos, ainda que a população mundial tenha crescido apenas 200% nesse mesmo período. Baseando-se nestes dados, estima-se que, nos próximos 30 anos, o consumo de água deverá ainda crescer cerca de 50%, o que ocasionará, em 2025, que 3 bilhões de pessoas vivam em países cujos indicadores de relativos às reservas de água tenham ultrapassado o nível crítico.

Assim, garantir o acesso a esse recurso essencial que é a água é um tema de grande importância nos próximos anos. Conseqüentemente, o Quebec, que possui 3% das reservas de água fresca do planeta e está localizado ao longo de uma das maiores bacias do mundo (ecossistema São Lourenço – Grandes Lagos), deverá acompanhar de perto as discussões acerca da administração das reservas mundiais de água. Fora isso, de acordo com o Ministério das Relações Internacionais (2006) da província francófona, é entendimento do governo local que, além de iniciativas domésticas com relação a questões ambientais, parcerias internacionais que encorajem a pesquisa de melhores práticas e de soluções inovadoras devem ser estabelecidas.

Por fim, é possível perceber que o realinhamento econômico global, inevitável e indiscutivelmente, traz consigo considerações relacionadas ao desenvolvimento sustentável. Se de um lado muitos países têm se beneficiado deste amplo fenômeno que é a globalização, de outro lado existem países que ainda precisam adaptar suas

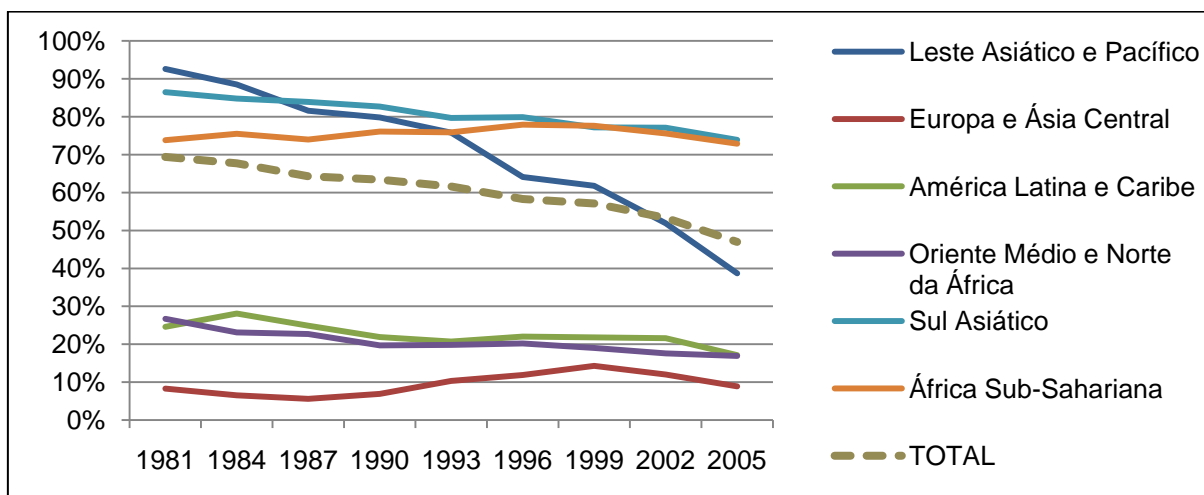
---

<sup>4</sup> A energia é um dos mais importantes subsídios de qualquer economia nacional e pode ser vista como um fator de produção ela mesma. Além disso, a disponibilidade de energia afeta diretamente a capacidade de defesa de qualquer Estado ou aliança. Os tradicionais e limitados objetivos a respeito de assegurar a oferta de energia têm sido ligados à disponibilidade, a preços adequados e previsíveis da energia e à sua diversificação. [...] Dessa forma, a administração doméstica de escassos recursos energéticos e da dependência energética não é apenas uma questão de políticas domésticas, mas também uma questão central de política econômica externa. Ela o é porque não tem apenas a ver com a administração de conseqüências domésticas de dependência energética, que está relacionada, por exemplo, ao mix energético, mas também com a administração de uma relação de dependência externa. (tradução da autora)

economias a essa nova realidade, além de outro grupo de países cujo desenvolvimento continua a ser insuficiente.

Ainda que as condições econômicas mundiais tenham, de modo geral, melhorado, como é possível verificar por meio dos índices de expectativa de vida, analfabetismo, PIB per capita e outros de diversos países, como mostram os dados do Programa de Desenvolvimento da ONU (2009), o progresso não foi universal. Prova disso é que, apesar da sensível diminuição percentual de pessoas vivendo abaixo da linha de pobreza, mais de 2,5 bilhões de pessoas, ou aproximadamente 47% da população mundial, ainda persiste nessas condições (Gráfico 6).

Gráfico 6 – População Vivendo com Menos de US\$ 2 (2005 PPP) por Dia (1981-2005)



Fonte: World Bank (2009)

Mesmo considerando os esforços que, em maior ou menor medida, têm sido feitos a fim de permitir a esses países não eqüitativamente privilegiados pelo fenômeno da globalização sair da economia de subsistência e passar para os primeiros estágios de prosperidade, numerosos obstáculos ainda existem. Melhorar a capacidade de governança, além, obviamente, da qualidade da educação e dos

serviços de saúde são pré-requisitos fundamentais para países que desejam adentrar o caminho do progresso e do desenvolvimento. Entretanto, para experimentar crescimento econômico, além disso, a produção de bens e de serviços desses mesmos países também precisa ter acesso ao mercado mundial.

Uma vez que o comércio internacional é um dos pilares do desempenho econômico do Quebec, que sustenta os altos padrões de vida que este efetivamente tem, é interessante para a província a inclusão de um maior número de países no âmbito das negociações e trocas internacionais. A inclusão de tais países, nesse contexto, significaria um maior número de mercados para produtos e serviços da região, mas, sobretudo, um também mais amplo rol de fornecedores de matérias-primas e de mão-de-obra qualificada, que ajudaria a evitar uma possível lacuna no mercado de trabalho local, causada, entre outros, pelas baixas taxas de reposição populacional.

### **1.3. Tecnologia, Conhecimento e Cultura**

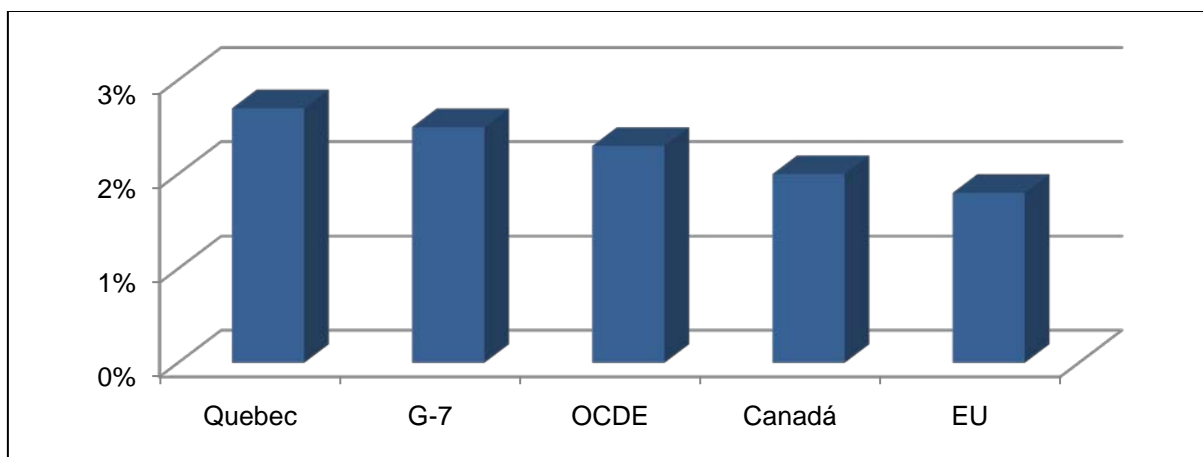
A evolução da economia global durante a segunda metade do século XX demonstrou que educação, pesquisa e inovação desempenham um papel crucial em um mundo onde o surgimento de novas tecnologias constantemente muda os métodos de produção, de transporte e de comunicação. Nesse sentido, de acordo com a Conferência das Nações Unidas para o Comércio e o Desenvolvimento (2009),

*“Science, technology and innovation are essential ingredients in the industrialization and sustainable development of nations. The importance of these ingredients as crucial factors in the economic growth and competitiveness of countries has become all the more evident in the face of globalization, trade liberalization and the emergence of knowledge-based industries. Globalization has brought with it a more intense competitive environment and new requirements for sustained competitiveness. This new competitive environment has fuelled the growth of knowledge-intensive production by increasing scientific and technological interactions and the need for innovation. The active search for continuous improvements has created an urgent need to rely even more on scientific and technological*

*innovation and to adjust policies and practices at both the enterprise and government levels.”<sup>5</sup>*

Para estimular a competitividade de suas economias, alguns países têm trabalhado para criar infra-estruturas de pesquisa e desenvolvimento (P&D) com o objetivo de ampliar sua capacidade de inovar. Seguindo esta tendência, o Quebec tem, desde o início dos anos 80, progressivamente ampliado o percentual de seu PIB que é destinado a P&D, tendo atingido 2,6% de seu PIB em 2006 e objetivando alcançar os 3% deste mesmo indicador já em 2010, de acordo com estatísticas oficiais do Ministério das Finanças do Quebec (2009), dado o crescimento médio do investimento no setor de 4,1% ao ano. Como é possível verificar (Gráfico 7), esses percentuais são realmente representativos e superiores à média de outras importantes regiões industrializadas.

Gráfico 7 – Investimento do PIB em P&D (2006)



Fonte: Ministère des Finances du Québec (2009)

<sup>5</sup> Ciência, tecnologia e inovação são componentes essenciais na industrialização e no desenvolvimento sustentável das nações. A importância desses componentes como fatores cruciais no crescimento econômico e na competitividade de países se tornou ainda mais evidente face à globalização, à liberalização do comércio e à emergência de indústrias baseadas no conhecimento. A globalização trouxe consigo um ambiente competitivo mais intenso e novos requisitos para a competitividade prolongada. Este novo ambiente competitivo estimulou o crescimento da produção intensiva em conhecimento por meio das crescentes interações científicas e tecnológicas e da necessidade de inovação. A busca efetiva por contínuas melhorias criou uma necessidade urgente de se valer ainda mais de inovações científicas e tecnológicas e de ajustar políticas e práticas tanto no nível empresarial quanto no nível governamental. (tradução da autora)

Além disso, os grandes projetos de pesquisa tendem, cada vez mais, a se beneficiar de parcerias internacionais, a fim de obter benefícios a partir do uso comum de informação, expertise e instrumentos de trabalho, uma vez que tal iniciativa reduz custos significativamente. Como explicam Barfield & Thum (2003):

*“More than other forms of internationalization, international strategic alliances provide firms with strategic flexibility, enabling them to respond to changing market conditions and the emergence of new competitors. They are prompted by a range of motives, including economizing on production and research costs, strengthening market presence, and accessing intangible assets such as managerial skills and knowledge of markets.[...] In all cases, international strategic alliances are being driven by the economic demands of global markets, the costs of keeping up with fast-changing technologies, and the opportunities provided by government deregulation and liberalization initiatives.”*<sup>6</sup>

Relacionado a isso, outro aspecto importante é o fato de que uma das maiores vantagens que qualquer cidade ou região que objetiva atrair investimentos e negócios, sejam eles nacionais ou internacionais, pode ter é possuir avançados centros de pesquisas e mão-de-obra especializada. A presença, em determinada estrutura urbana, desses componentes intrínsecos a uma economia baseada no conhecimento cria uma sinergia e um ambiente que conduz ao surgimento de nichos de excelência. Assim, cidades e regiões que possuem esse tipo de combinação tornam-se não apenas motores econômicos, mas também importantes atores políticos que ajudam a conduzir a economia nacional.

E isso se explica na medida em que progresso tecnológico tem grandes conseqüências não apenas para a economia, mas também para a vida sócio-cultural. As tecnologias da informação e os novos meios de comunicação facilitam o intercâmbio de idéias e a disseminação de conhecimento. Por outro lado, entretanto, eles também podem ter um impacto sobre questões sócio-culturais de longo prazo,

---

<sup>6</sup> Mais do que outras formas de internacionalização, alianças estratégicas internacionais proporcionam às firmas flexibilidade estratégica, permitindo que elas respondam a condições de mercado em constante transformação e a emergência de novos competidores. Elas são estimuladas por uma gama de motivos, incluindo economizar em custos de produção e de pesquisa, fortalecer presença de mercado e ter acesso a ativos intangíveis, tais como habilidades gerenciais e conhecimento de mercado. [...] Em todos os casos, alianças estratégicas internacionais têm sido induzidas pelas demandas econômicas de mercados globais, pelos custos de se manter atualizado em relação às tecnologias que mudam rapidamente e pelas oportunidades oferecidas pelas iniciativas governamentais de desregulamentação e de liberalização. (tradução da autora)

dando origem a preocupações acerca da preservação tanto da diversidade de expressões culturais quanto da capacidade governamental de intervir efetivamente nesses assuntos. No caso específico do Quebec, a vulnerabilidade da língua francesa e as particularidades da identidade quebequense continuam sendo um grande foco da ação internacional do governo.

#### **1.4. Novas Ameaças e Novos Atores**

A evolução do contexto internacional revela, ainda, outras duas tendências que afetam fortemente a soberania do estatal, quais sejam: a emergência de questões relativas à segurança e a emergência e o fortalecimento de organizações internacionais governamentais.

A primeira dessas tendências remonta ao período da Guerra Fria, quando a segurança era essencialmente um assunto militar resultante dos conflitos entre duas superpotências, os Estados Unidos e a ex-União Soviética. Desde então, essa situação geopolítica cedeu espaço a novas ameaças, estas muito mais difíceis de detectar e de conter. Mas, como questiona Buzan (1998), o que faz de algo um assunto de segurança nas relações internacionais? O autor explica:

*“The answer to what makes something an international security issue can be found in the traditional military-political understanding of security. In this context, security is about survival. It is when an issue is presented as posing an existential threat to a designated referent object (traditionally, but not necessarily, the state, incorporating government, territory and society). The special nature of security threats justifies the use of extraordinary measures to handle them. The invocation of security has been the key to legitimizing the use of force, but more generally it has opened the way for the state to mobilize, or to take special powers, to handle existential threats. Traditionally, by saying “security”, a state representative declares an emergency condition, thus claiming a right to use whatever means are necessary to block a threatening development.”<sup>7</sup>*

---

<sup>7</sup> A resposta para o que faz de algo um assunto de segurança internacional pode ser encontrada no tradicional entendimento político-militar de segurança. Nesse contexto, segurança é sobre sobrevivência. É quando um tema é apresentado como oferecendo uma ameaça existencial a um referido objeto específico (tradicionalmente, mas não necessariamente, o Estado, incorporando governo, território e sociedade). A natureza especial das ameaças de segurança justifica o uso de medidas extraordinárias para lidar com elas. A invocação da segurança tem sido a chave para legitimar o uso da força, mas,

Entretanto, como o próprio autor ainda expõe, não é possível estabelecer um padrão universal baseado, por exemplo, no que ameaça a vida humana. Na verdade, a natureza dessas ameaças existenciais é amplamente variável, de acordo com os diferentes setores e níveis de análise, assumindo diferentes matizes no setor militar, no setor político, no setor econômico, no setor social e no setor ambiental.

Assim, seguindo essa linha de raciocínio, é possível afirmar que um expoente desta mudança de comportamento em relação à matéria foi, sem dúvidas, a onda de ataques que atingiu diversas regiões do mundo na virada do século XX para o século XXI fazendo da luta contra o terrorismo uma preocupação primordial da comunidade internacional. Entretanto, ao tomar medidas para se protegerem, os governos dos diferentes países e regiões têm se deparado com o desafio que consiste em encontrar um ponto de equilíbrio entre níveis mais elevados de segurança, agora tidos como essenciais, e o grau de abertura que uma economia competitiva necessita. Não obstante, esses governos precisam também se esforçar no sentido de encontrar um segundo equilíbrio, aquele entre a efetividade das medidas por eles adotadas e o respeito a liberdades básicas.

Dentro ainda do espectro da segurança, outros dois desafios-chave sobressaem: a luta contra formas tradicionais de crime transnacional e a necessidade de lidar com pandemias e com um ambiente de deterioração. A magnitude dessas ameaças é tal que é cada vez mais necessário ver as relações internacionais sob uma perspectiva da segurança. Diferentemente do caso dos conflitos militares clássicos, a luta contra essas ameaças atuais requerem a combinação de colaboração internacional e do envolvimento direto de diferentes níveis de governo responsáveis por manter a ordem pública, tornando a distinção entre segurança interna e externa cada vez mais difícil de ser feita.

No que diz respeito à segunda tendência, essa se relaciona ao papel desempenhado pelas organizações internacionais governamentais, que tem afetado a soberania política dos Estados. Tais organizações lidam com problemas cujas soluções requerem cooperação entre governos, e as normas e padrões resultantes

---

em um sentido mais amplo, tem permitido ao Estado mobilizar, ou fazer uso de, poderes especiais para lidar com ameaças existenciais. Tradicionalmente, ao dizer “segurança”, um representante do Estado declara uma situação de emergência, assim reivindicando o direito de usar quaisquer que sejam os meios necessários para bloquear o avanço de uma ameaça. (tradução da autora)

disso afetam cada vez mais a administração de temas estatais internos, sendo, nesse sentido, o comércio, o meio ambiente, a cultura, os direitos humanos, as leis trabalhistas e serviços públicos, tais como a saúde e a segurança as áreas mais afetadas no Quebec.

Como explica Rezek (2005), alguns milênios separam o Estado e a organização internacional: se do primeiro um esboço de teoria geral já poderia ser concebido na antigüidade clássica, a segunda é um fenômeno bem mais recente, que data apenas do século XX. Entretanto, a diferença entre ambos não se limita a isso, como se depreende a partir da exposição do autor:

“Paul Reuter, um dos mais lúcidos analistas do fenômeno organizacional, costumava observar que as desigualdades *quantitativas* reinantes entre os Estados – no que concerne à expansão territorial, à dimensão demográfica, aos recursos econômicos – não obscurecem sua fundamental igualdade *qualitativa*: da Dinamarca à Mauritânia, do Luxemburgo à China, os objetivos do Estado são sempre os mesmos, e têm por sumário a paz, a segurança, o desenvolvimento integral de determinada comunidade de seres humanos. Já no caso das organizações internacionais, as desigualdades reinam em ambos os terrenos: são quantitativas, por conta da diversidade do alcance geográfico, do quadro de pessoal ou do orçamento; mas são sobretudo qualitativas, porque não visam, as organizações, a uma finalidade comum. Seus objetivos variam, com efeito, entre a suprema ambição de uma ONU – manter a paz entre os povos, preservar-lhes a segurança, e fomentar, por acréscimo, seu desenvolvimento harmônico – e o modestíssimo desígnio de uma UPU, consistente apenas em ordenar o trânsito postal extrafronteiras.”

Além disso, a natureza dessas diferentes matérias e finalidades está também progressivamente induzindo novos atores, tais como corporações, instituições públicas, organizações humanitárias e administrações locais, a se envolverem cada vez mais nas relações internacionais. Esta mudança tem dado então espaço para a crescente influência de atores não-governamentais nos assuntos internacionais, notadamente o setor empresarial, o setor sindical, as organizações não-governamentais de interesse específico e os movimentos sociais.



## 2. A Questão Nacional

Conforme expõe Turgeon (2003), a presença de um forte pensamento nacionalista é uma constante da história do Quebec. Entretanto, esse nacionalismo, na visão do autor, como na de muitos outros, teria vivido, desde os tempos da Revolução Tranqüila<sup>8</sup>, uma radical transformação. Étnico em sua concepção da identidade quebequense e conservador em sua defesa do *status quo* constitucional anterior a década de 60, ele teria se transformado progressivamente.

Seguindo esta linha de pensamento, Keating (1996) explica que a ascensão do movimento nacionalista no Quebec, assim como na Escócia e na Catalunha, embora tenha tido suas raízes em uma longa tradição de lutas pela sobrevivência em um meio ambiente às vezes hostil, se explica em primeiro lugar por dois fenômenos contemporâneos: primeiro, o declínio da legitimidade dos Estados centrais, na interpretação do autor agora incapazes de reagir a novos problemas sócio-políticos (mais particularmente a crise do chamado Estado-providência); segundo, a reconfiguração do espaço político que a reintegração continental e a globalização teriam deflagrado.

Além disso, a globalização das trocas econômicas e a intensificação do livre comércio têm reduzido a dependência econômica da província francófona em relação ao todo canadense. Em função do Estado-nação, de modo geral, não ser capaz de garantir uma regulamentação adequada de fluxos econômicos, o Quebec, assim como a Escócia e a Catalunha, já citadas, visa a uma renegociação dos termos de sua participação no âmbito multinacional objetivando estar em condições de fazer frente aos novos desafios que emergem da interdependência crescente dos países e das regiões do globo, afirma Turgeon (2003).

Nesse sentido, Keating (1996) afirma que essa nova realidade dá um novo sentido não apenas à idéia de nação, mas também ao projeto nacionalista. O discurso nacionalista seria, assim, modernista e mais preocupado com o

---

<sup>8</sup> A Revolução Tranqüila foi um período de rápida mudança no Quebec ocorrido durante a década de 1960 e que foi caracterizado por uma rápida e efetiva secularização da sociedade, pela criação de um Estado-providência e, sobretudo, pela transformação da identidade nacional dos então franco-canadenses em quebequenses. Resultado dessas múltiplas transformações durante o período, o discurso nacionalista do Quebec se traduziu em um elevado senso de identidade e de capacidade nacional, que marcou uma evolução distinta do nacionalismo passivo para uma busca mais ativa da autonomia política.

desenvolvimento e a adaptação do que com o passado. Tal fenômeno aceitaria os limites da soberania, procurando novos meios pelos quais a autonomia governamental poderia ser produtiva e um novo projeto que permitisse a afirmação nacional, dada a ausência do Estado-nação em sua concepção clássica.

Complementando os conceitos relacionados à idéia de nação anteriormente expostos, Fonte (1997), em uma de suas obras de maior expressão acerca do tema, defende a idéia de que o nacionalismo liberal e o patriotismo cívico, longe de serem impedimentos para a democracia, são parte intrínseca desta última. Ao longo de sua análise, o mais pertinente para o presente trabalho é observar o trecho em que o autor descreve a essência de tais fenômenos:

*“Let us be very clear. Civic patriotism or liberal-democratic nationalism is not based on “blood and soil”, or race and ethnicity, or superiority and dominance over others. It is a love of country based on political allegiance, shared values, and a shared history and culture (which can be adopted by immigrants through an identification with the nation’s past and assimilation of its traditions). It is essential for active citizenship in a self-governing polity. It is not inconsistent with an internationalist foreign policy, liberalized global trade, or broad participation in world affairs. An America, Britain, or France shorn of such patriotism would be a different country, but not necessarily a better, or more democratic, one.”<sup>9</sup>*

Assim, entendendo que, apesar de sua indiscutível importância, atualmente não são apenas os fatores sócio-culturais aqueles que podem ser apontados como os propulsores da idéia de nação quebequense, a seguir se faz uma breve análise destes, a fim de melhor compreendê-los, mas também daqueles político-legais, que, por sua vez, relacionam-se a aspectos sobretudo econômicos da realidade globalizada que se apresenta, já explicitados no capítulo anterior. Ao longo de tal esquematização, o que se busca é identificar, no âmbito de cada um desses dois

---

<sup>9</sup> Sejam os muito claros. O patriotismo cívico ou nacionalismo democrático-liberal não é baseado em “sangue e solo”, ou em raça e etnia, ou em superioridade e domínio sobre os outros. Ele é um amor por um país baseado em lealdade política, em valores e história comuns e na cultura (que pode ser adotada por imigrantes por meio de uma identificação com o passado da nação e da assimilação de suas tradições). Ele é essencial para uma cidadania ativa em um regime soberano. Ele não é inconsistente com uma política externa internacionalista, com a liberalização do comércio global ou com a ampla participação em assuntos mundiais. Uma América, uma Bretanha, ou uma França desprovida de tal patriotismo seria um país diferente, mas não necessariamente um país melhor ou mais democrático. (tradução da autora)

grandes grupos, aqueles aspectos que mais significativamente impactam a realidade quebequense nos dias de hoje.

## **2.1. Aspectos Sócio-Culturais**

### **2.1.1. Identidade Nacional e Pluralismo**

A noção de globalização de modo algum se limita às dificuldades, muitas vezes superdimensionadas, dos Estados-nação e à emergência de espaços econômicos transnacionais que facilitariam o surgimento e a intensificação de movimentos nacionalistas. A globalização, apesar de este ser um aspecto freqüentemente ignorado, ainda que tenha iniciado como um processo primordialmente econômico, se ampliou de tal maneira que passou a ser um fenômeno muito mais complexo, tendo visíveis ramificações políticas, sociais, culturais e também identitárias. Assim, se visto sob uma ótica estritamente econômica, é fato que tal fenômeno pode ser descrito como uma força homogeneizante, incentivadora de certo espírito de impotência e de resignação por parte de algumas minorias; entretanto, essa lógica não é inescapável e a globalização pode, sob outra perspectiva, ser vista como encorajadora de processos de constituição nacional mais inclusivos e mais pluralistas.

Mas e o que seria *pluralismo*? Nos debates contemporâneos, esse conceito remete ao fato de que a grande maioria dos Estados modernos foi construída com base em diferenças – sejam elas de nação, de etnia, de língua, de gênero ou de religião, por exemplo. Entretanto, apesar de, na grande parte das vezes, as maiorias e/ou as elites terem tentado excluir, assimilar ou ainda exterminar os representantes desses grupos distintos, é fato que, nas últimas décadas, o mundo tem presenciado uma expressiva intensificação das reivindicações de inclusão e de tolerância, o que, entre outros, comprova que essas diferenças, as quais muitas vezes datam de séculos, nunca foram completamente superadas.

No caso específico do Quebec, a situação não é muito diferente, o que fica mais claro a partir da exposição de Parekh (2002):

*“For over a quarter of century the French-speaking majority in Quebec have insisted that they constitute a distinct cultural*

*community with their own history, language, legal system, values, conception of their place in the world, collective consciousness of being a distinct people, and so forth. In their view their cultural identity is being increasingly eroded by the combined pressure of the federal government and the economically and linguistically dominant Anglophones in Quebec, and the only way to preserve it is to secure greater political autonomy by suitably restructuring the Canadian state. For the Quebecois, Quebec is not just a province of Canada like any other, but a co-funder of the Canadian federation and entitled to full equality with the rest of English-speaking Canada, as guaranteed by the Quebec Act of 1774, the Constitution Act of 1791 and the British North America Act of 1867. Indeed, it had entered Canadian federation 'on the faith of a promise of equality and of respect for our authority in certain matters that to us are vital', and in the expectation that Canada would be a binational state. The Quebecois consider it an act of betrayal that with the exception of Ontario and New Brunswick, the French-speaking people in the rest of Canada were pressurized to abandon their language and culture, and are themselves determined to avoid that fate at all cost."*<sup>10</sup>

Assim, retomando a noção de *pluralismo*, outra pergunta que emerge é: a partir de que conjunto de critérios é possível avaliar o grau de pluralismo existente dentro da concepção de uma identidade nacional, qualquer que seja ela? Karmis (2003) responde a essa questão apontando três critérios gerais: o critério da *inclusão possível*, o critério da *inclusão simbólica* e, por fim, o critério da *inclusão profunda*. O primeiro afirma que nenhum critério de tipo essencialista (i.e., raça, classe social, sexo, origem étnica) deveria orientar a definição da identidade nacional. Já o segundo propõe que a identidade nacional deve refletir e afirmar as práticas, as instituições e a memória do conjunto de comunidades que habitam o Estado em questão. O último critério, por sua vez, como explica o autor, sugere que essa concepção identitária deve ser compatível com a pluralidade e a complexidade das identidades dos cidadãos, inclusive com outras identidades nacionais, o que é

---

<sup>10</sup> Por mais de um quarto de século, a maioria francófona no Quebec tem insistido que eles constituem uma comunidade cultural distinta com sua história, sua língua, seu sistema legal, seus valores, sua concepção de lugar no mundo, sua consciência coletiva de ser um povo distinto e assim por diante. Em sua visão, sua identidade cultural tem sido progressivamente corroída pela pressão combinada do governo federal e pelos econômica e lingüisticamente dominantes anglófonos no Quebec, e a única maneira de preservar isso é assegurar uma maior autonomia política por meio de uma adequada reestruturação do Estado canadense. Para os quebequenses, o Quebec não é apenas uma província do Canadá como qualquer outra, mas sim um co-fundador da federação canadense e merecedor de completa igualdade com o resto do Canadá anglófono, como assegurado pelo Ato de Quebec de 1774, pelo Ato Constitucional de 1791 e pelo Ato da América do Norte Britânica de 1867. Aliás, ele entrou 'na crença de uma promessa de igualdade e de respeito por nossa autoridade em certos assuntos que para nós são vitais', e na expectativa que o Canadá seria um Estado binacional. Os quebequenses consideram um ato de traição que, com exceção de Ontário e de Novo Brunswick, as pessoas francófonas no resto do Canadá sejam pressionadas a abandonar sua língua e sua cultura, e estão eles mesmos determinados a evitar este destino a todo custo. (tradução da autora)

exemplificado por Parekh (2002), quando este afirma que “*There is no reason why one cannot be both Scottish and British, Quebecois and Canadian, Basque and Spanish, Breton and French, and Hindu or Sikh and American.*”<sup>11</sup>.

No Quebec, artistas, intelectuais, políticos e profissionais participaram (e, em certa medida, ainda têm participado) ativamente de vastas reflexões e de ininterruptos debates acerca de sua chamada identidade coletiva. Porém, como explica Karmis (2003), a variedade e a riqueza de expressões manifestadas nessas últimas mais de quatro décadas pós-Revolução Tranqüila não raramente são encobertas pela onipresença da dicotomia nacionalismo étnico *versus* nacionalismo cívico nos discursos políticos e pela conseqüente utilização partidária de ambos os conceitos. Contrariamente a isto, expõe o autor, na prática, o que se verifica é que, há mais de quatro décadas, a província não é dominada nem por um nem por outro tipo de nacionalismo – pelo contrário, o Quebec contemporâneo caracterizar-se-ia por uma rivalidade entre três diferentes concepções da identidade nacional de pluralismo variável, quais sejam: 1) o trudeauísmo<sup>12</sup>, que consiste em uma combinação de nacionalismo cívico e de multiculturalismo canadenses; 2) um nacionalismo cívico quebequense jacobino; 3) um nacionalismo quebequense integracionista.

A primeira dessas concepções consiste em um nacionalismo cívico pancanadense baseado no bilingüismo e no multiculturalismo, se opondo a toda e qualquer reivindicação que associa uma comunidade cultural específica a determinado território, como é, notadamente, o caso o Quebec. O que essa corrente alega é que tal associação seria discriminatória em relação às demais comunidades culturais existentes no país, além de alimentar a possibilidade separatista. Assim, em síntese, é possível dizer que tal concepção se traduz na idéia de que “há apenas uma nação no Canadá, e essa nação é a nação canadense”.

Já quanto à segunda noção de identidade nacional, esta assenta suas bases nos preceitos neonacionalistas. Nesse contexto, os adeptos dessa corrente personificariam, de acordo com o autor, uma versão norte-americana do jacobinismo, uma vez que, ao menos inicialmente, propunham medidas que visavam

---

<sup>11</sup> Não existe razão pela qual alguém não possa ser tanto escocês como britânico, quebequense como canadense, basco como espanhol, bretão como francês e hindu ou sikh como americano. (tradução da autora)

<sup>12</sup> Termo derivado do nome do Primeiro Ministro do Canadá em diferentes períodos das décadas de 60, 70 e 80, Pierre Elliott Trudeau, que defendia tal concepção.

ao abandono da monarquia e da criação de uma república canadense binacional. Em um segundo momento, entretanto, notadamente no pós-década de 60, o que ocorre é uma orientação no sentido de “quebequizar” sua identidade e de defender a manutenção e o desenvolvimento da cultura e da língua francesas na porção norte do continente americano.

Por fim, a terceira visão acerca da questão identitária, o dito nacionalismo de integração, surge em um momento posterior, caracterizado pela reconfiguração do Quebec como sociedade global, e, como explica Karmis (2003), “em reação a uma dupla incapacidade: incapacidade do trudeauísmo de levar em conta o caráter multinacional do Canadá e a do jacobinismo de levar em conta o caráter ao mesmo tempo multinacional e multicultural do Quebec”. Assim, esta última concepção pode ser sintetizada na idéia de que o Quebec seria uma terra aberta a todas as culturas, onde se daria preferência à integração em detrimento da assimilação dos recém-chegados, além de garantir alguns direitos coletivos às minorias locais, notadamente os anglófonos e os autóctones. Nesse cenário, a língua e a cultura da maioria serviriam, antes de tudo, como elementos unificadores desta sociedade composta por nações e comunidades etnoculturais tão diferentes entre si.

### **2.1.2. Nacionalismo Minoritário**

Ainda que, de modo mais amplo, possa-se definir nacionalismo como uma visão ou um projeto para uma nação, é necessário fazer uma distinção entre dois grandes tipos modernos, como explica Fernández (1997):

*“A. Un nacionalismo estatal de intención integradora y hegemónica en su territorio. Es fruto de los procesos de modernización e industrialización característicos de la construcción estatal de los siglos XVIII y XIX. Dicho nacionalismo estatalista, o mayoritario, ha podido aunar tanto a sociedades con mayor grado de homogeneidad étnica (Alemania), como de composición más heterogénea (Italia o el caso del melting pot estadounidense). [...]”*

*B. Un nacionalismo sin estado, o minoritario, existente en estados plurales, o entre ellos, y que reafirma sus rasgos identificativos y adscriptivos ancestrales mediante la movilización política. Dicho nacionalismo minoritario, a menudo de la naturaleza periférica, no se ha sentido imbricado en la construcción estatal llevada a cabo desde el centro de sus respectivas politeyas y suele aspirar a dotar de estructuras de autogobierno a sus comunidades subestatales. Estas formas de autonomía política asumen objetivos*

*de concreción institucional que varían desde el establecimiento de gobiernos y parlamentos regionales hasta la formación secesionista de nuevas organizaciones estatales propias.”<sup>13</sup>*

A partir dessa definição, percebe-se que o caso quebequense é, claramente, um caso do segundo tipo. Assim, Keating (1997 *apud* GRAEFE, 2003) corrobora o conceito, utilizando a expressão nacionalismo minoritário para designar um grupo nacional que, estando inserido em um Estado-nação maior, tenta conquistar formas mais amplas de autogestão, de auto-expressão e de reconhecimento, ainda que esse grupo não seja investido de soberania completa. Tal nacionalismo, assim como o do primeiro tipo, pode ser considerado como uma construção social, pois visa a agregar indivíduos em função de uma identidade nacional compartilhada ao mesmo tempo em que busca atenuar outros critérios de divisão social, tais como classe ou gênero, por exemplo, manipulando a cultura, a política e as dimensões sociais e econômicas dessa identidade com a finalidade de transformá-la em um apelo coerente (KEATING, 1997 *apud* GRAEFE, 2003).

## **2.2. Aspectos Político-Legais**

### **2.2.1. Soberania versus Autonomia**

De acordo com Rezek (2005), dizem-se autônomas todas aquelas unidades agregadas sob a bandeira de um Estado federal, ainda que variem suas denominações oficiais – províncias, estados, cantões – e os graus de dependência existentes nas relações estabelecidas entre os dois. Assim, como exemplo, o autor

---

<sup>13</sup> A. Um *nacionalismo estatal* de intenção integradora e hegemônica em seu território. É fruto dos processos de modernização e de industrialização característicos da construção estatal dos séculos XVIII e XIX. Dito nacionalismo estatal, ou majoritário, pôde congrega tanto sociedades com maior grau de homogeneidade étnica (Alemanha) quanto sociedades de composição mais heterogênea (Itália ou o caso do *melting pot* estadunidense). [...] B. Um *nacionalismo sem Estado*, ou *minoritário*, existente em Estados plurais, ou entre eles, e que reafirma seus traços identitários e descritivos ancestrais mediante a mobilização política. Dito nacionalismo minoritário, freqüentemente de natureza periférica, não se sentiu imbricado na construção estatal levada a cabo a partir do centro de suas respectivas esferas políticas e costuma aspirar dotar de estruturas de autogoverno suas comunidades subestatais. Estas formas de autonomia política assumem objetivos de solidificação institucional que variam desde o estabelecimento de governos e parlamentos regionais até a formação secesionista de novas organizações estatais próprias. (tradução da autora)

estabelece comparações entre a situação de diferentes países, dentre as quais se destaca aqui aquela feita entre o Brasil e os Estados Unidos: é notório que a autonomia dos estados federados no Brasil não tem a mesma dimensão daquela dos estados estadunidenses, que podem, entre outros, determinar individualmente suas normas de direito penal e de processo.

Seguindo esta linha de raciocínio, é importante fazer uma ressalva no sentido de distinguir a noção de autonomia daquela de soberania – o simples fato de encontrar-se sobre um território bem delimitado, ter uma população estável e sujeita à autoridade de um governo não é suficiente para caracterizar a existência de um ente soberano. Apesar disso, contrariamente à interpretação de Alexander Hamilton, para quem os entes federados eram os componentes autônomos de uma soberania única, de uma só personalidade internacional, o que se percebe de modo cada vez mais freqüente no cenário internacional é a atuação de entes outros que não Estado-nacionais segundo a visão defendida por Thomas Jefferson, que entendia possível a concepção de um duplo grau de soberania no complexo federativo.

Ainda sobre essa matéria, Rezek (2005) explica que não há razões pelas quais o direito internacional se oponha à atitude daqueles Estados soberanos que, no âmbito de sua ordem jurídica interna, decidem munir seus entes federados de maior ou de menor competência para atuar no plano internacional, na medida em que os demais Estados soberanos envolvidos toleram e reconhecem esse procedimento, conscientes de que, na verdade, quem responde pelos atos dessas unidades agregadas é a união federal.

### **2.2.2. O Caso Quebequense**

Legalmente, o Quebec é um Estado federado detentor de responsabilidades políticas que lhe são próprias e cujo poder é essencialmente determinado pela estrutura constitucional canadense. Ainda assim, sua jurisdição é exclusiva no que diz respeito a diferentes temas, tais como gestão dos recursos naturais, direito privado, saúde, educação, cultura e órgãos municipais. Além disso, a província franco-canadense gere o próprio sistema tributário, recolhendo taxas e impostos, como é possível verificar junto aos órgãos governamentais locais. Não obstante,



além de administrar os tribunais e parte considerável dos serviços de segurança pública, o governo quebequense é quem se encarrega da seleção dos imigrantes para seu território. Com o governo federal, ele divide responsabilidades sobre determinadas áreas, tais como o meio ambiente, a agropecuária e os transportes.

Assim, como explica Gagnon (2003), nota-se que:

“Antes de mais nada, o Quebec não é uma província como as outras. Tal constatação resulta na necessidade de um vocabulário adaptado para dar conta dessa realidade política de forma adequada. Assim, [...] empregamos [...] as noções de Estado do Quebec, de nação política inscrita em um conjunto multinacional e de região histórica para traduzir a especificidade quebequense, ao invés das noções de província, de governo subalterno ou de agrupamento político. As últimas expressões não correspondem à maneira pela qual uma grande maioria de quebequenses se percebem e se definem.”

Fora isso, um dos aspectos que mais chamam a atenção no que diz respeito à atuação do governo local é a aparente auto-suficiência que este possui quando se tratando das relações com empresas, organizações e até mesmo governos de outros países. O que poderia explicar tal comportamento?

O argumento que embasa a teoria quebequense de autonomia no cenário internacional é o fato de a Constituição Canadense não fazer referência alguma em relação à condução das relações internacionais. Uma vez que tal legislação data ainda do período colonial, à exceção dos tratados estabelecidos pelo então Império Britânico, normativas relativas às relações exteriores não figuram neste documento.

Além disso, o governo local também se baseia nas diversas sentenças proferidas pelos tribunais desde o século XIX que estabeleceram que no Canadá os Estados federados não estão subordinados ao Estado federal. Exemplo disso é o ocorrido em 1937, quando o Comitê Jurídico do Conselho Privado de Londres, então a corte de última instância para o Canadá, decidiu que o poder de implementar tratados internacionais caberia ao Parlamento Canadense ou às Legislaturas Provinciais, de acordo com a designação interna da área em questão. Por este motivo, o Quebec considera ser sua responsabilidade assumir a dimensão internacional das atribuições que recaem sobre seu domínio, sobre seus interesses mais diretos. No decorrer das últimas décadas, tal linha de pensamento político tem sido mantida por todos os governos quebequenses, o que fica ilustrado nos

discursos do último Primeiro-Ministro do Quebec, Jean Charest, proferidos, respectivamente, em fevereiro e em novembro de 2004:

“Nos últimos 40 anos, cada governo quebequense aprofundou ainda mais o compromisso internacional do Quebec. [...] Um dos grandes desafios que a sociedade quebequense deverá enfrentar nos próximos anos é o desafio, com múltiplas ramificações, estabelecido pela globalização. Diversas áreas de competência exclusiva do Quebec, anteriormente isentas das grandes correntes internacionais, já se transformaram. O governo estará onde quer que o interesse do Quebec assim o exigir. Faremos com que nossa opinião seja ouvida em todas as partes.”

“Acreditamos que, quando o governo do Quebec é o único governo competente para implantar um engajamento internacional, é normal que seja ele mesmo que assuma tal compromisso. Em suma, no cenário internacional, cabe ao Quebec assumir a continuidade de suas competências internas. O que é de competência quebequense no Quebec é de competência quebequense em qualquer lugar.”

Entretanto, mesmo quando atua internacionalmente com o objetivo de promover e de defender seus interesses naquelas áreas que considera ser de sua competência, a província reconhece que o Ato da América do Norte Britânica de 1867, que criou a federação canadense (então nomeada Domínio do Canadá), e a personalidade jurídica internacional do Canadá atribuem ao governo federal um campo de atuação mais específico, que abrange, entre outros, as áreas da defesa, da diplomacia, do reconhecimento de Estados estrangeiros e das tarifas e dos procedimentos alfandegários.

Além disso, em determinados casos, o Quebec, a partir de acordos com o governo central canadense, age no exterior de forma conjunta a este último. No que diz respeito à imigração, por exemplo, a província quebequense define seus próprios critérios para selecionar os possíveis imigrantes independentes que são atraídos pela iniciativa local de incentivo à imigração como forma de suprir o carente mercado interno de mão-de-obra e assim garantir boas taxas de crescimento econômico pra região. Entretanto, apesar do processo diferenciado, todos imigrantes devem se submeter a uma etapa federal, que determina seu ingresso ou não no país. Também na área da francofonia, o Quebec estabeleceu, no início da década de 70, um acordo com o governo central que ratificou seu estatuto de governo participante, nos termos da Carta da Agência de Cooperação Cultural e Técnica, que mais tarde passou a ser denominada Organização Internacional da Francofonia.

Não obstante, tendo-se em mente o acordo de 2006 relativo à UNESCO, observa-se que o governo canadense reconhece que, devido a suas características únicas e a sua conjuntura específica, o Quebec é levado a desempenhar um papel deveras particular no âmbito internacional. Esse acordo, além de estabelecer a função de representante permanente da província na Delegação Permanente do Canadá junto à UNESCO, reconhece também o direito quebequense de intervir em todas as deliberações e/ou conferências da UNESCO a fim de fazer ouvir sua opinião.

Já no início deste século, mais especificamente a partir de 2002, os importantes compromissos internacionais assumidos pelo governo central passaram a ter que ser submetidos previamente à Assembléia Nacional do Quebec, medida esta que tem validade tanto para aqueles compromissos assinados diretamente pelo Quebec quanto para aqueles que necessitam do consentimento da província francófona para que possam ser implementados, caso sejam assinados pelo Canadá e envolvam as áreas consideradas de competência do Quebec. Em virtude disso, a Assembléia Nacional está, a partir de então, vinculada, de modo sistemático, ao processo de conclusão de todos os importantes compromissos internacionais que envolvam direta ou indiretamente a província, garantindo assim a participação do Quebec nas discussões de todos aqueles temas que tenham impactos e que sejam determinantes para a sociedade local.

### 3. As Relações Internacionais do Quebec

Dentre os Estados não-soberanos, o Quebec é aquele que opera a mais vasta rede internacional. Entretanto, tal atividade não é recente, tendo início já ao final do século XIX, quando, em 1871, a província envia pela primeira vez agentes de imigração temporários para diversos países, dentre eles aqueles do Reino Unido, da Europa e também os Estados Unidos. Nessa época, as atividades do Quebec eram essencialmente unilaterais e tinham como foco três áreas principais: imigração, comércio e busca de investimentos. Hoje, essa rede tem ramificações em mais de vinte países espalhados nos cinco continentes e as atribuições de cada representação variam amplamente de acordo com os interesses locais, podendo abranger não apenas as três áreas originais, mas também aquelas relacionadas ao turismo, à educação, à política e à cooperação intergovernamental, entre outros.

Nesse intervalo de tempo, é possível perceber uma nítida intensificação dessas atividades a partir dos anos 60, quando o Quebec realmente passa a voltar-se para o exterior de forma mais intensa e coordenada, tendo estabelecido redes de representações em importantes cidades nas décadas subseqüentes, destacadamente Paris, Londres, Milão e Chicago na década de 60; Boston, Los Angeles, Bruxelas e Tóquio na década de 70; México na década de 80; Beijing e Xangai na década de 90. Segundo Baltazhar (2003), teriam sido quatro fatores os responsáveis por tal comportamento: a) a própria atmosfera da Revolução Tranqüila; b) o clima geral reinante, na época, no cenário internacional; c) a tradição canadense; d) o papel representado pela França.

Como anteriormente explicado, a Revolução Tranqüila foi um período de rápida e intensa mudança caracterizado, entre outros, pela consciência nacional e pela transformação da identidade dos franco-canadenses em quebequenses. No que diz respeito ao contexto internacional na época, explica o autor, a política externa deixava de ser exclusividade dos diplomatas em virtude da proliferação das transnacionais, que escapavam ao controle dos governos, e não mais se podia pensar a economia, as relações de trabalho, a educação, o meio ambiente, a cultura e diversas outras matérias restritas até então à política interna sem se observar outras regiões do mundo, sem se iniciar um diálogo com o exterior. Já quanto ao papel da tradição canadense, este tem relação direta com a Constituição do país,

que não faz nenhuma referência explícita à política externa, o que é facilmente explicado pelo fato de essa ter sido promulgada no período em que o Canadá ainda era uma colônia cuja autonomia em termos de relações internacionais era pautada pela autoridade imperial. Por fim, a influência francesa tem como marco a visita do general De Gaulle, de volta ao poder em Paris desde 1958, à cidade de Quebec em 1960, tendo guardado da cidade “a impressão de uma francofonia viva e dinâmica” (BALTHAZAR, 2003). Nessa oportunidade, o general teria dado instruções no sentido de criar laços com o Quebec, tendo a França, desde então, passado a acompanhar o desenrolar da Revolução Tranqüila e a estabelecer acordos e a desenvolver projetos diretamente com a província.

Assim, levando-se em conta essa evolução do Quebec em matéria de relações internacionais e os ditos fatores que a teriam estimulado, a seguir são analisados, com maior detalhamento, os diferentes tipos de relações que a província estabelece com diferentes países da América e da Europa, a partir do que se tenta identificar um perfil de atuação. Ainda que se entenda que em um contexto de globalização o eixo Ásia-Pacífico seja de suma importância para as Relações Internacionais e não possa ser ignorado, a análise do presente trabalho privilegia aqueles países e regiões com quem as relações do Quebec datam de mais tempo e são influenciadas também por fatores históricos e culturais, de forma a tentar tornar o trabalho o mais rico possível, consideradas suas evidentes limitações.

### **3.1. Américas**

#### **3.1.1. Estados Unidos**

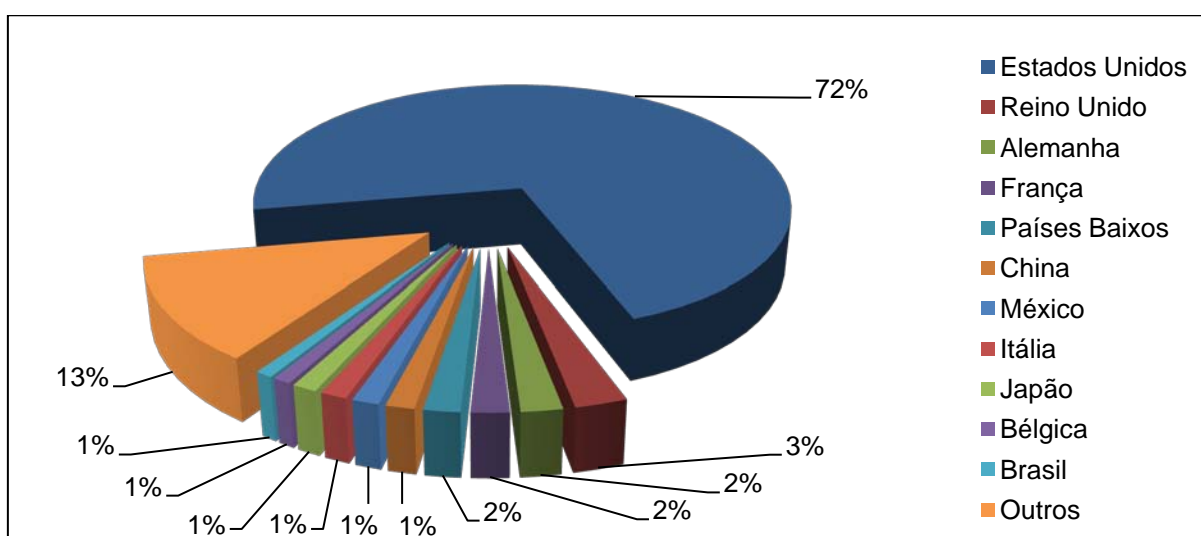
É nítido que a relação mais importante para o Quebec, na medida em que é a mais próxima e a mais intensa, é aquela que a província estabelece com o seu vizinho norte-americano, os Estados Unidos. Fora o fato de o país ser uma superpotência, ele é o único, além das demais províncias canadenses, obviamente, com quem a província faz fronteira. Importante ressaltar, essa fronteira, ao contrário daquela entre os Estados Unidos e o México, está cada vez mais fluída e porosa.

Embora com relação a questões históricas e culturais ligadas à identidade o Quebec procure insistir na aproximação com a França e com a francofonia, é impossível negar, como explica Balthazar (2003), a sua evidente inserção no tecido geográfico da América ou, em outras palavras, a *americanidade* do Quebec, que conta com seis representações no território vizinho. Nesse contexto, percebe-se que as relações entre o Quebec e os Estados Unidos são múltiplas, muito diversas e bastante intensas, especialmente aquelas que dizem respeito ao comércio internacional, à energia, ao meio-ambiente, à segurança e à educação e cultura, como destaca o Ministério das Relações Internacionais da província (2009).

### Comércio Internacional

A prosperidade quebequense depende fortemente de suas exportações para os Estados Unidos, dado que a província exporta mais de metade de sua produção total e que mais de 70% desta se destina a mercados estadunidenses (BANQUE DE DONNÉES STATISTIQUES DU QUÉBEC, 2009). Muito em função disso, o governo local defende uma crescente integração da porção norte-americana do continente, buscando fortalecer corredores de comércio, estimular um número crescente de exportadores e também criar uma infra-estrutura que facilite a transposição de fronteiras, tais como os programas alfandegários NEXUS e FASTPAT, que simplificam o processo, assim evitando custos excessivos para as empresas locais.

Gráfico 8 – Destino das Exportações do Quebec (2008)



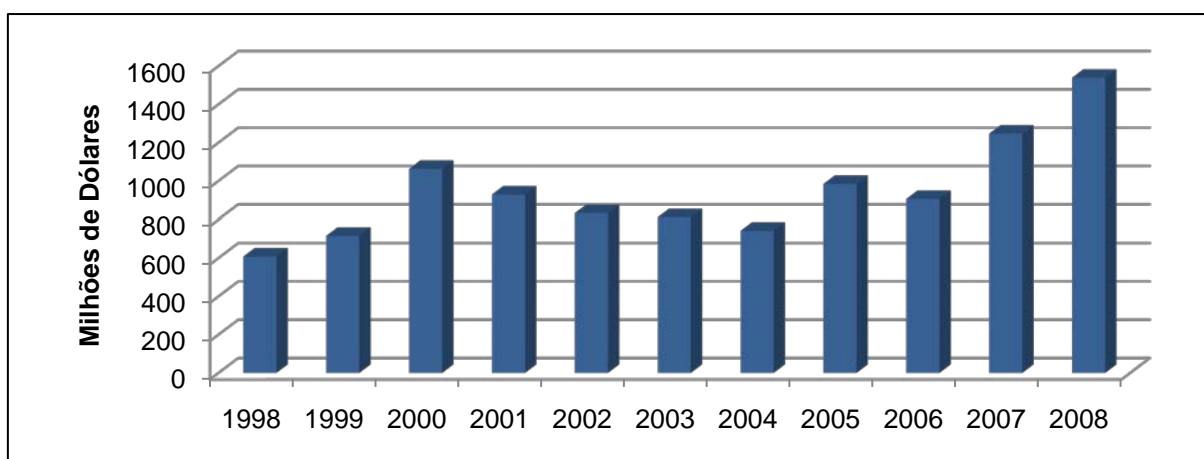
Fonte: Banque de Données Statistiques du Québec (2009)

Já no que diz respeito aos tipos de produtos comercializados entre o Quebec e os Estados Unidos, percebe-se, a partir de análise de dados publicados pelo Ministério do Desenvolvimento Econômico, da Inovação e da Exportação do Quebec (2006), que são muitos e diversos. Dentre os principais produtos exportados pela província, por exemplo, estão aeronaves, alumínio, circuitos integrados e papel jornal; já dentre os principais produtos importados aqueles que se destacam são carros de passeio, circuitos integrados, caminhões e turborreatores e turbopropulsores.

## Energia

O Quebec, sendo o quarto maior produtor mundial de energia hidrelétrica, é um parceiro-chave para os Estados Unidos no que diz respeito ao fornecimento de energia, em especial dado o caráter limpo e renovável dessa fonte. Além disso, companhias locais trabalham no sentido de desenvolver ainda mais essa tecnologia e aquelas relacionadas à produção de outros tipos de energia limpa, notadamente de energia eólica. Futuramente, isso pode permitir um aumento do volume de energia exportada para os Estados Unidos, além de contribuir com a questão climática, na medida em que tais métodos apresentam níveis de emissão de poluentes significativamente inferiores, se comparados aos métodos tradicionais.

Gráfico 9 – Exportações Quebequenses de Energia Elétrica (1998-2008)



Fonte: Banque de Données Statistiques du Québec (2009)

## **Meio-Ambiente**

O Quebec participa de numerosas iniciativas regionais de cunho ambiental, sendo as principais as que seguem: Conference of New England Governors and Eastern Canada Premiers (NEG-ECP), Western Climate Initiative (WCI), Climate Registry e Regional Greenhouse Gas Initiative (RGGI). Além disso, a província tem metas ambiciosas no que diz respeito ao combate das mudanças climáticas, tão discutidas na atualidade, que incluem uma nova estratégia energética até 2015 e uma política pública de transportes que visa reduzir a emissão de gases causadores do efeito estufa em 6%, considerados os níveis de 1990, até 2012. Não obstante, em dezembro de 2005, o Quebec, juntamente com a Ontário e oito estados do país vizinho localizados às margens dos Grandes Lagos assinaram um acordo histórico referente aos recursos hídricos do ecossistema São Lourenço – Grandes Lagos.

## **Segurança**

Um dos pontos focais da política externa do Quebec é a questão da segurança. Nesse sentido, entre dezembro de 2003 e setembro de 2004, o governo da província assinou acordos de cooperação que tratam dessa matéria e garantem, entre outros, a troca de informações para fins de aplicações da lei com aquelas unidades estadunidenses com as quais faz fronteira: Vermont, Maine, Nova Iorque e Nova Hampshire. Além desses, também foram assinados acordos com os estados de Massachusetts, em 2007, e de Nova Iorque, em 2008, cujo objetivo é o de promover medidas de combate ao terrorismo e a outros tipos de crime.

## **Educação e Cultura**

A educação tem sido uma prioridade para o governo do Quebec há mais de três décadas, o que tem reflexo também nas relações internacionais que estabelece. No caso estadunidense, por exemplo, objetivando um maior conhecimento (bem como um também maior reconhecimento) da província, o Quebec mantém importantes parcerias com instituições do país, entre elas o American Council for Québec Studies (ACSUS) e o Institute on Québec Studies SUNY Plattsburgh. Fora



isso, o Ministério das Relações Internacionais do Quebec também oferece bolsas e programas estágios na área de estudos quebequenses.

### **3.1.2. México**

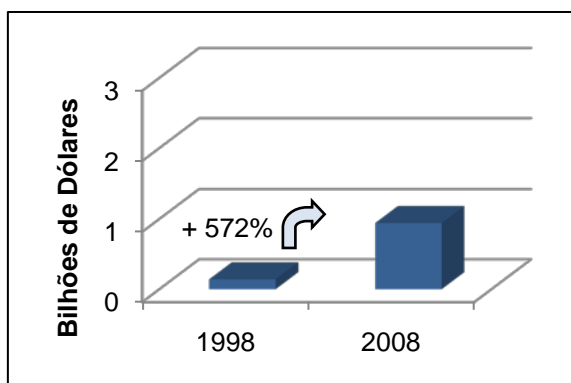
No que concerne a suas relações com outros países, o Quebec demonstra um particular interesse também no México, país que, juntamente com os Estados Unidos e o Canadá, faz parte do Acordo de Livre Comércio Norte-Americano (NAFTA). É válido ressaltar, a participação do país nesse acordo associada ao projeto, ainda que controverso, de criação de uma Área de Livre Comércio das Américas (ALCA), como explica Balthazar (2003), contribuiu para valorizar as relações da província com os países da América Latina. Além disso, desde a abertura, na década de 80, de um Escritório do Governo do Quebec na Cidade do México, as relações entre o país e a província francófona têm se tornado cada vez mais sólidas e diversificadas.

#### **Comércio Internacional**

O NAFTA criou um contexto deveras favorável para as trocas comerciais entre o Quebec e o México, que cresceram significativamente desde a assinatura do acordo – se em 1998 o montante de trocas era de apenas cerca de 1,4 bilhões de dólares, em 2008 esse valor atingiu a marca dos 3,2 bilhões. Nesse contexto, percebe-se, sobretudo, um aumento proporcional das exportações muito significativo, embora o aumento das importações, em valores reais, tenha sido superior.

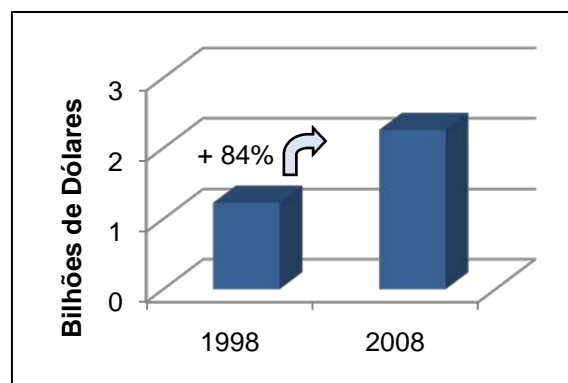
Ainda quanto às importações quebequenses, observa-se que estas estão primordialmente concentradas nos setores automobilístico e de combustíveis, relativamente ausentes no Quebec, o que ajuda a explicar o déficit comercial da província nas transações com o México. Além disso, outro aspecto importante é o de que um número bastante grande de companhias quebequenses tem operações no país, incluindo a Transcontinental e a Bombardier.

Gráfico 10 – Exportações Quebequenses para o México (1998 x 2008)



Fonte: Institut de la Statistique du Québec (2000)  
Banque de Données Statistiques du Québec (2009)

Gráfico 11 – Importações Quebequenses provenientes do México (1998 x 2008)



Fonte: Institut de la Statistique du Québec (2000)  
Banque de Données Statistiques du Québec (2009)

### Acordos de Cooperação Institucional

Criado em abril de 1982, o Grupo de Trabalho Quebec-México (GTQM) consiste em um comitê coordenado conjuntamente pelo Ministério das Relações Internacionais do Quebec e pelo Secretariado de Relações Exteriores do México. Esse comitê, que realiza encontros bianuais, alternando entre os dois locais, tem por objetivo discutir e elaborar uma série de programas em diversos campos: cultura, educação, economia e ciência e tecnologia. No período 2007-2009, por exemplo, pouco mais da metade dos recursos foi destinada para projetos no setor cultural e um quarto para projetos na área da educação. Além disso, do restante dos recursos, aqueles destinados à área de ciência e tecnologia visam a financiar, prioritariamente, projetos em áreas relacionadas a neutracêuticos e a biomateriais.

### Imigração

De acordo com dados do censo de 2006, publicado pelo Ministério da Imigração e das Comunidades Culturais do Quebec (2009), mais de 8 mil imigrantes de origem mexicana residiam no Quebec naquele ano. Tal fluxo de imigração se

intensificou fortemente nos últimos anos e é em grande parte explicado pelos programas de imigração econômica promovidos pela província, que, por meio dessas iniciativas, busca suprir a demanda local por mão-de-obra qualificada.

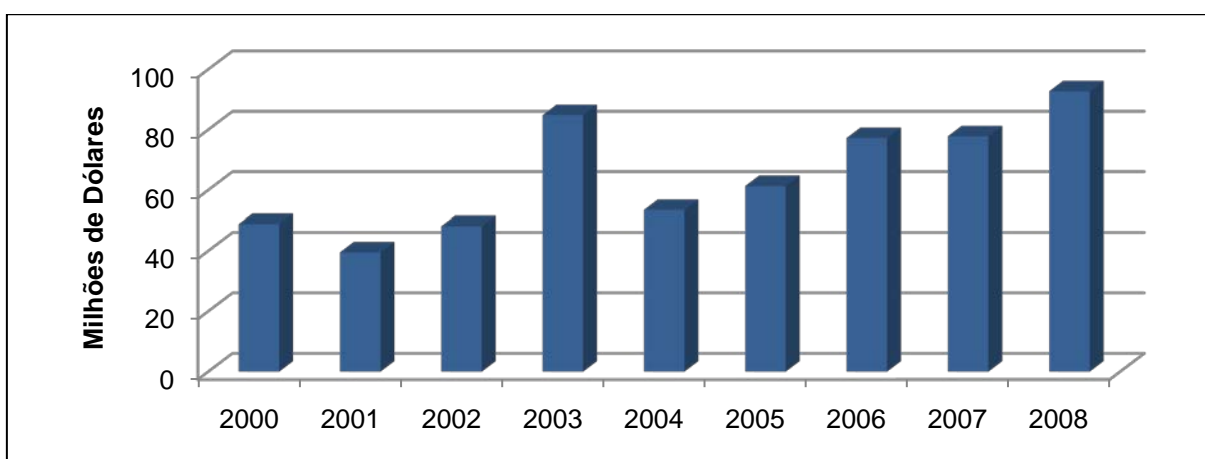
## Educação

Em 2000, ambos os governos assinaram um acordo de mobilidade acadêmica proporcionando um total de setenta bolsas de estudo para que estudantes mexicanos estudassem em universidades quebequenses. Além disso, universidades do Quebec e do México também desenvolveram um expressivo número de outros projetos, tais como intercâmbios de professores e pesquisas conjuntas.

## Turismo

De acordo com dados do Ministério do Desenvolvimento Econômico, da Inovação e da Exportação do Quebec (2009), pouco mais de 571 mil mexicanos visitaram a província francófona entre 2000 e 2008. Esses turistas, cuja principal motivação apontada é o turismo, teriam gasto, ainda de acordo com a mesma fonte, um montante que ultrapassa os 583 milhões de dólares canadenses.

Gráfico 12 – Despesas de Turistas Mexicanos em Visita ao Quebec (2000-2008)



Fonte: Ministère du Développement Économique, de l'Innovation et de l'Exportation (2009)

### **3.1.3. Brasil**

No âmbito da América Latina e das Antilhas, o Brasil, enquanto economia emergente, é o país que figura como prioridade para o governo do Quebec, o que é ratificado, entre outros, pela transferência do Escritório do Quebec de Buenos Aires para São Paulo em março do ano passado. Além disso, é possível verificar que os interesses da província concentram-se, particularmente, na intensificação das relações políticas, econômicas e institucionais com o país. Não obstante, nos últimos anos tem também se verificado um forte incentivo e um forte estímulo à imigração de brasileiros para o Quebec, justificada pelo governo da província pela facilidade de integração e de adaptação desses.

#### **Comércio Internacional**

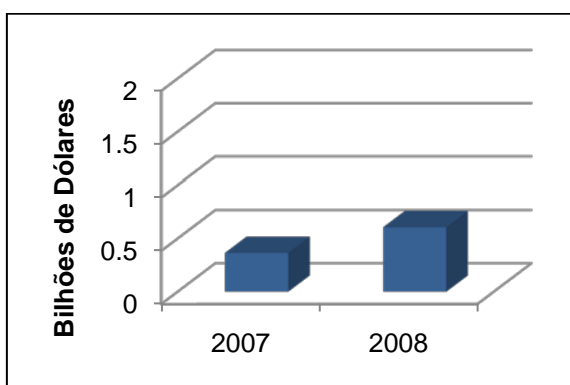
O Quebec é a província canadense mais ativa no mercado brasileiro. Em função disso, o Ministério do Desenvolvimento Econômico, da Inovação e da Exportação do Quebec organiza, a cada ano, missões comerciais focadas nos setores considerados prioritários, dentre os quais se destacam o de tecnologia da informação e da comunicação, o aeronáutico e o de serviços.

Ainda que o México tenha recentemente tirado do Brasil o título de principal mercado de exportação do Quebec na América Latina, este último continua a ter uma importância inegável. As trocas comerciais entre os dois têm crescido a cada ano e, só em 2008, de acordo com o Instituto de Estatística do Quebec (2009), as exportações quebequenses para o Brasil atingiram a cifra de 606 milhões de dólares, o que representa um crescimento de 66% em relação ao ano anterior, e as importações de produtos brasileiros ultrapassaram a marca de 1,4 trilhões de dólares canadenses, o que, apesar de representar uma queda de 29% em relação ao ano anterior, é um valor deveras representativo. Além disso, tais índices, do Quebec isoladamente, representam 23% e 53% dos totais canadenses de

exportações e importações, respectivamente. A exemplo do que ocorre em sua relação com o México, o Quebec tem se esforçado, se não para eliminar, ao menos para diminuir o déficit comercial com o Brasil.

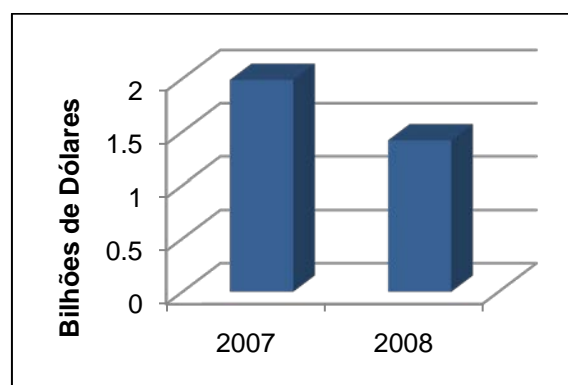
Reflexo dessa intensa relação de trocas, um número crescente de pequenas e médias empresas quebequenses, tais como Eicon Technologie, Exfo Ingénierie e Culinar, entre outras, tem demonstrado interesse pelo mercado brasileiro e tem trabalhado a fim de estabelecer parcerias ou encontrar distribuidores para seus produtos. Fora essas empresas, também um número significativo de empresas de grande porte, dentre as quais se destacam a ALCAN, a Télésystème Mobile International e a Seagram, já se encontra instalado em território nacional.

Gráfico 13 – Exportações Quebequenses para o Brasil (2007 x 2008)



Fonte: Institut de la Statistique du Québec (2009)

Gráfico 14 – Importações Quebequenses provenientes do Brasil (2007 x 2008)



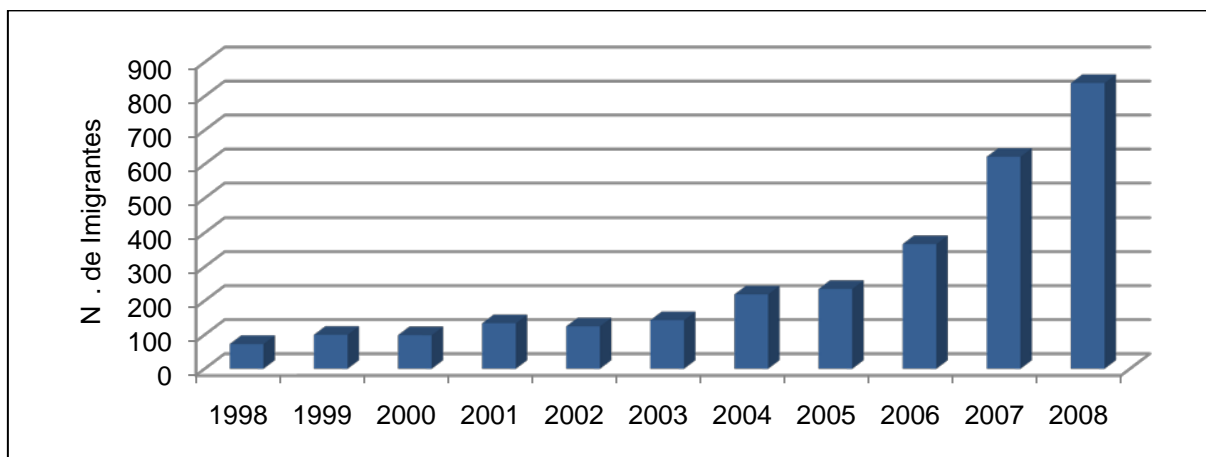
Fonte: Institut de la Statistique du Québec (2009)

## Imigração

As missões de promoção e de prospecção do Ministério da Imigração e das Comunidades Culturais do Quebec que têm sido realizadas nos últimos anos têm confirmado a existência de um grande potencial de imigração para a província por parte dos brasileiros, o que é confirmado pelo fluxo migratório em direção ao país do norte, que se intensifica a cada ano. Se a comunidade brasileira no Quebec hoje ainda é pequena, contando com apenas pouco mais de 2 mil imigrantes, percebe-se há um grande interesse por parte daqueles que ainda estão em terras brasileiras, tendo mais de o dobro desse número, só no último ano, participado de sessões informativas realizadas em diferentes capitais.

O objetivo principal do Ministério, no Brasil, tem sido o de ampliar cada vez mais o número de demandas de imigração, seja ela motivada pelo programa destinado a jovens trabalhadores qualificados e com conhecimento de francês ou aquele destinado a pessoas de negócios, que visam a investir e a se estabelecer na província. Como é possível observar no gráfico abaixo, as iniciativas do governo local têm efetivamente surtido efeito.

Gráfico 15 – Imigração Brasileira para o Quebec (1998-2008)



Fonte: Ministère de l'Immigration et des Communautés Culturelles (2003, 2008, 2009)

## Educação

Numerosos acordos, abrangendo diversos setores de atividade, unem os centros de pesquisa do Brasil e do Quebec. Órgãos da Conferência dos Reitores e Dirigentes das Universidades Quebequenses (CREPUQ<sup>14</sup>), por exemplo, realizam missões de recrutamento no país e oferecem, com alguma frequência, possibilidades de intercâmbio para jovens universitários brasileiros. Além disso, a Universidade do Quebec em Montreal (UQAM) criou, em 2001, um centro de estudos e de pesquisas sobre o Brasil, desde então mantido pelo governo da província, e também um leitorado de língua portuguesa, este apoiado pelo Consulado Geral do Brasil. Também a UQAM criou e passou a integrar, a partir de 2005, uma rede composta por outras nove universidades, todas brasileiras, a partir da qual inúmeras atividades, tais como pesquisas, seminários, intercâmbios de professores e de estudantes, publicações, entre outras, já foram realizadas.

<sup>14</sup> Do original, em francês, Conférence des Recteurs et des Principaux des Universités Québécoises.

Ator importante nesse contexto de aproximação entre Brasil e Quebec, o Ministério das Relações Internacionais da província também tem apoiado a presença de professores e de pesquisadores nos congressos da Federação Brasileira de Professores de Francês (FBPF) e da Associação Brasileira de Estudos Canadenses (ABECAN).

### **Solidariedade Internacional**

De acordo com informações do Ministério das Relações Internacionais da província (2009), desde 1997, o Programa Quebequense de Desenvolvimento Internacional (PQDI) permitiu a realização de sete projetos de desenvolvimento no Brasil, nos quais foram gastos mais de 380 milhões de dólares. Além disso, de acordo com a mesma fonte, desde 1995, por meio do Programa Quebec Sem Fronteiras (PQSF), mais de uma centena de jovens quebequenses já realizaram estágios de cunho social no Brasil, assim como alguns jovens brasileiros também têm tido a oportunidade de realizar estágios em suas áreas profissionais ou de estudo em terras canadenses.

Além disso, organismos de cooperação internacional parceiros do Ministério das Relações Internacionais da província têm atuado de forma sistemática no Brasil. Tais iniciativas concentram-se, em sua maior parte, nas áreas da saúde, dos serviços sociais e da sociedade civil.

### **Relações Políticas**

Por fim, observa-se que o Brasil e o Quebec também estabelecem relações no âmbito político. Tais relações estão representadas, sobretudo, pelas relações parlamentares existentes entre a Assembléia Nacional do Quebec e o Brasil no seio da Confederação Parlamentar das Américas (COPA), destacadamente as reuniões do Comitê Executivo do órgão e aquelas da Rede de Mulheres Parlamentares das Américas.

## **3.2. Europa**

### **3.2.1. França**

A França e a francofonia constituem o maior eixo das relações internacionais da província fora do continente americano. Nesse contexto, há mais de quatro décadas, França e o Quebec têm mantido uma relação direta e privilegiada por meio dos canais que criaram e mantiveram – é por meio da Delegação Geral do Quebec em Paris, que continua a ser a mais importante de toda a rede internacional da província, e do Consulado Geral da França no Quebec que a comunicação entre os governos de cada parte é garantida.

Entretanto, também existe um conjunto de ferramentas e iniciativas cuja finalidade é, primordialmente, reunir os atores políticos da França e do Quebec de modo regular e freqüente, permitindo, assim, o desenvolvimento global da cooperação. Assim, a partir da segunda metade da década de 70, os ministros do Quebec e da França começaram a se encontrar regularmente a fim de estabelecer e de adaptar os objetivos e as prioridades das relações entre os dois governos, o que ocorre até hoje. Além disso, a interação política ocorre também por meio de visitas ministeriais, permitindo uma ampla troca de idéias acerca de questões sociais, culturais, econômicas e tecnológicas, entre muitas outras.

#### **Comércio Internacional**

A França, juntamente com o Reino Unido e a Alemanha, é um dos três principais clientes europeus do Quebec, ainda que esteja bem distante dos Estados Unidos, que lidera o ranking. No que diz respeito às exportações da província para o país, o valor ultrapassou a marca dos 1,3 bilhões de dólares em 2008 (BANQUE DE DONNÉES STATISTIQUES DU QUÉBEC, 2009), sendo estas concentradas, primordialmente, no setor de aeronaves e peças, que corresponde a cerca de um terço do total, e em bens de alta tecnologia, que representam mais de metade do total. Já quanto às importações provenientes da França, estas se aproximaram da casa dos 3 bilhões no último ano (BANQUE DE DONNÉES STATISTIQUES DU QUÉBEC, 2009), situando o país na 7<sup>a</sup> posição do ranking de principais fornecedores de bens e serviços do Quebec, logo após o Japão e frente ao México.



Com o objetivo de estimular e de facilitar a ocorrência e a continuidade dessa interação, o Ministério do Desenvolvimento Econômico, da Inovação e da Exportação do Quebec produz um vasto material informativo que reúne, entre outros, dados sobre as tendências mercadológicas, sobre possibilidades de acesso aos mercados mais importantes, sobre a concorrência e sobre os principais eventos, entre outros conselhos práticos. Além disso, o órgão do governo também dispõe de uma série de programas e serviços oficiais que incentivam e auxiliam os empresários locais a exportar.

### **Investimentos**

Por sua vez, os investimentos externos diretos também são um importante aspecto a ser considerado no contexto das relações econômicas desenvolvidas entre as partes. De acordo com dados publicados pelo Ministério das Relações Internacionais do Quebec (2008), a França, enquanto segundo ou terceiro maior investidor estrangeiro no Quebec – atrás apenas dos Estados Unidos e oscilando, ano a ano, sua posição em relação ao Reino Unido –, tem um número significativo de empresas instaladas na província e emprega cerca de 20 mil pessoas no âmbito de suas mais de 300 unidades, o Quebec também conta com 160 empresas em operação em território francês, nas quais mais de 25 mil pessoas estão empregadas.

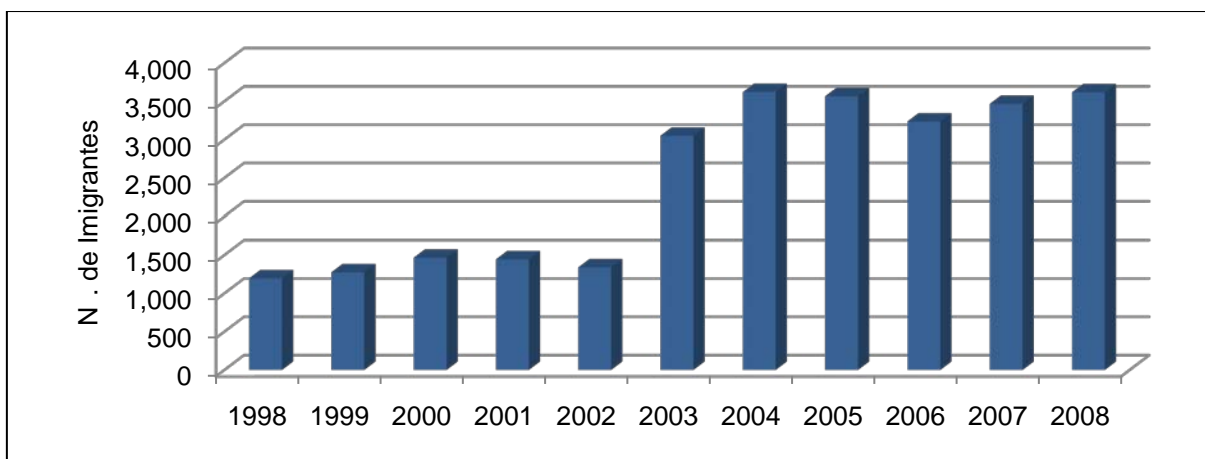
### **Imigração**

Os esforços de promoção, na França, do Quebec como terra de acolhida foram intensificados no decorrer dos últimos anos e, é possível observar, tiveram resultados expressivos, destacadamente a partir de 2003 (Gráfico 16). Daquele ano até 2008, mais de 20 mil imigrantes de origem francesa se estabeleceram no Quebec de modo permanente, o que corresponde a uma média anual de mais de 3 mil pessoas. Deste número, quase 90% migraram por meio dos programas destinados a trabalhadores qualificados e cerca de 3% por meio do programa destinado a investidores e pessoas de negócios. Além disso, milhares de estudantes franceses se encontram no Quebec atualmente, e a tendência é que uma parcela grande deles também venha a se estabelecer definitivamente na província.

Assim, em termos de imigração, percebe-se que os franceses representam o contingente mais importante para o Quebec, tendo cerca de 70 mil imigrado para a

região ao longo das últimas quatro décadas (MINISTÈRE DE L'IMMIGRATION ET DES COMMUNAUTÉS CULTURELLES, 2006). Além do reforço para o mercado de trabalho e, conseqüentemente, para a economia local que, indiscutivelmente, tal fluxo representa, a mobilidade desse número bastante grande de indivíduos cuja língua materna é o francês certamente contribui para a manutenção da cultura local.

Gráfico 16 – Imigração Francesa para o Quebec (1998-2008)



Fonte: Ministère de l'Immigration et des Communautés Culturelles (2003, 2008, 2009)

## Cultura

O campo cultural constitui uma das mais profundas e dinâmicas dimensões da cooperação entre o Quebec e a França. Nesse sentido, a questão cultural permeia muitas áreas, tais como o teatro, a música, a dança e o cinema, a partir das quais os intercâmbios entre profissionais dessas áreas são estimulados e têm se multiplicado.

Além disso, os dois governos trabalham conjuntamente na promoção da diversidade cultural, tendo os trabalhos do grupo franco-quebequense sobre essa matéria, criado no final da década de 90, sido propulsores de ações dos governos locais, aos quais se uniram um grande número de outros governos europeus, da francofonia e mesmo da América Latina, além de diversas instâncias multilaterais.

## **Educação**

No campo da cooperação, a juventude, a educação, a ciência e a tecnologia aparecem entre as prioridades de ambos os governos. Essa cooperação permite a promoção da utilização da língua francesa nessas áreas, além de visar a garantir a ampliação do acesso à educação e à ciência e tecnologia nas duas sociedades e de buscar melhorar o domínio dos meios de comunicação, para os quais o idioma comum se mostra uma ferramenta importante. A existência de tal tipo de cooperação permite a criação de redes de colaboração entre professores, estudantes, profissionais, universidades e centro de pesquisa.

### **3.2.2. Alemanha**

A Alemanha, que no período pós-reunificação tornou-se o país mais populoso e poderoso da Europa, ainda hoje figura como uma das grandes potências políticas e econômicas não só no âmbito europeu, mas no mundo. Assim, o dinamismo da economia alemã fez do país um pólo de atração das relações internacionais de diversas países e regiões, grupo no qual o Quebec se inclui. Além disso, tal condição elevou a Alemanha a um patamar de prestígio no cenário internacional equiparável ao que França e o Reino Unido se encontram, tornando-se uma significativa fonte de investimentos e um importante destino da produção quebequense.

Já no início da década de 70, a província abriu sua primeira representação no país, à época localizada em Düsseldorf, centro da zona industrial do Reno, a partir do que a relação entre as duas regiões foi marcada por grandes avanços. Entretanto, desde o final da década de 80, a atenção do Quebec tem se voltado mais fortemente para a região da Baviera, com a qual diversos acordos já foram concluídos. Em parte, tal aproximação pode ser explicada pelos traços comuns às duas regiões: o zelo pela autonomia e o orgulho da prosperidade econômica.

## **Comércio Internacional**

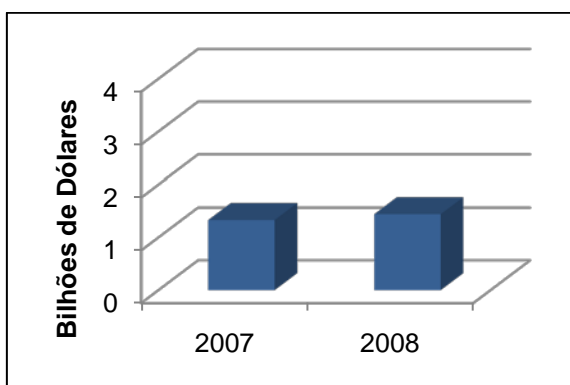
Os dados recolhidos demonstram a importância deste parceiro mundial para o Quebec, além da modernidade das trocas econômicas que realizam, que têm sua base apoiada sobre setores-chave da alta tecnologia, como o setor aeronáutico e de

tecnologia da informação, a exemplo do que ocorre nas relações da província com a França, e da maturidade dessas relações, uma vez que essas datam de mais de um século. A solidez dessas relações é confirmada pela envergadura dos investimentos recíprocos, que contam com perspectivas de crescimento significativo.

Também no caso da Alemanha, a balança comercial é deficitária para o Quebec, em uma proporção 2,5 para 1 (INSTITUT DE LA STATISTIQUE DU QUÉBEC, 2009). Assim como tem ocorrido nas relações com os países anteriormente analisados, o Quebec tem buscado equalizar suas relações comerciais também com a Alemanha, a partir do crescente incentivo das exportações locais nos últimos anos.

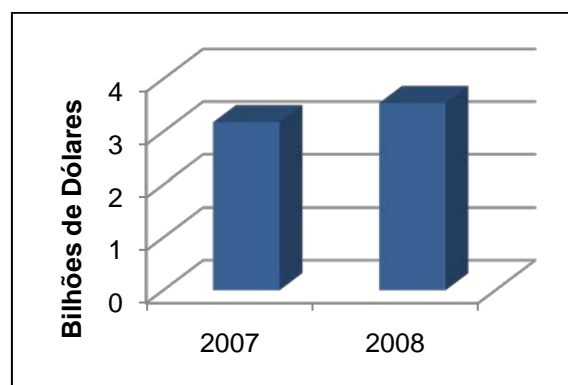
Em 2008, a Alemanha figurou na 3ª colocação no ranking dos principais destinos dos bens e serviços do Quebec, atrás apenas dos Estados Unidos e do Reino Unido. Além disso, observa-se que as exportações quebequenses para esse país correspondem a aproximadamente um terço do total importado do Canadá (INSTITUT DE LA STATISTIQUE DU QUÉBEC, 2009).

Gráfico 17 – Exportações Quebequenses para a Alemanha (2007 x 2008)



Fonte: Institut de la Statistique du Québec (2009)

Gráfico 18 – Importações Quebequenses provenientes da Alemanha (2007 x 2008)



Fonte: Institut de la Statistique du Québec (2009)

## Investimentos

Quanto aos investimentos realizados no Quebec, observa-se que a Alemanha e a Suíça são a origem de mais de metade do total dos investimentos europeus realizados na província ao longo dos últimos anos. Em comparação, o Reino Unido

foi responsável por aproximadamente um quarto desse total, a França por 11% e os países do Benelux – Bélgica, Holanda e Luxemburgo – por 8%.

No que diz respeito ao “intercâmbio” de empresas, cada vez mais, organizações alemãs, entre as quais a Siemens, a Schering e a Thyssen, têm se instalado em terras quebequenses a fim de se inserir no mercado norte-americano, de aproveitar as vantagens do NAFTA e também do Quebec, destacadamente àquelas que dizem respeito à mão-de-obra qualificada e ao incentivo a P&D. Sem ficar atrás, as empresas quebequenses também se mostram bastante ativas no território alemão, particularmente naqueles setores de transporte, de eletrônica, de tecnologia da informação, metalúrgico e papelero. Como exemplo dessas empresas pode-se citar a Bombardier e a Alcan, que, juntamente com outras organizações, são responsáveis por mais de 40 filiais em território alemão.

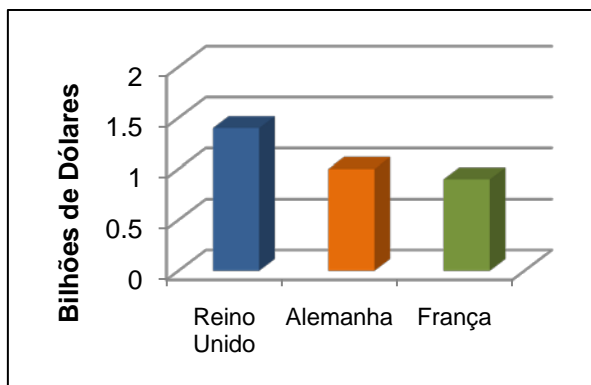
### **3.2.3. Reino Unido**

Historicamente, o Reino Unido é o segundo parceiro econômico do Quebec, perdendo apenas para os Estados Unidos. No contexto europeu e no decorrer da década compreendida entre 1995 e 2005, a média anual das exportações quebequenses para o Reino Unido (1,4 bilhões), ultrapassou aquelas das exportações destinadas aos mercados alemão (1 bilhão) e francês (0,9 bilhão). Além disso, as exportações de produtos e serviços quebequenses aumentaram 47% no período compreendido entre 1998 e 2008, um aumento muito superior àquele ocorrido no volume de exportações da União Européia. Isso demonstra o caráter excepcional e durável das relações econômicas que unem Quebec e Reino Unido.

Entretanto, como explica Balthazar (2003), se entre os países europeus o Reino Unido ocupa uma posição privilegiada no que diz respeito às relações internacionais com o Quebec, isso não se deve apenas às suas relações econômicas, mas também às suas relações históricas, mantidas há mais de dois séculos. Nessa época, foi o parlamento britânico o primeiro a reconhecer a situação particular do Quebec, já em 1774, e a defender o parlamentarismo do Quebec, desde o seu início, em 1792. Outro aspecto importante é o fato de que a cultura local, em função de um longo passado colonial e da origem de uma parcela significativa da população, é permeada por inúmeras tradições britânicas. A relação

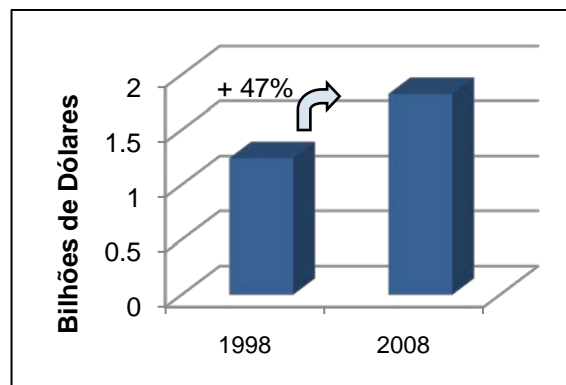
é tão expressiva que, depois de Paris, Londres é, indubitavelmente, a capital da Europa onde há a maior concentração de indivíduos provenientes do Quebec.

Gráfico 19 – Média Anual de Exportações Quebequenses (1995-2005)



Fonte: Ministère des Relations Internationales du Québec (2009)

Gráfico 20 – Exportações Quebequenses para o Reino Unido (1998 x 2008)



Fonte: Institut de la Statistique du Québec (2009)  
Banque de Données Statistiques du Québec (2009)

### Comércio Internacional

Como já visto, em 2008, o Reino Unido permaneceu em sua já tradicional segunda posição no ranking dos países que figuram entre os principais destinos das exportações da província francófona. Nesse ano, o volume exportado ultrapassou a marca de 1,8 bilhões de dólares, o que corresponde a exatos 14% do total exportado pelo Canadá no mesmo período (INSTITUT DE LA STATISTIQUE DU QUÉBEC, 2009). Entre os bens importados, ganham destaque aqueles de alta tecnologia, tais como aviões, peças de aviões e reatores, que representam uma parte importante das exportações para o país; em seguida, aparecem os bens de média tecnologia. Tal situação é, em grande parte, influenciada pela ocorrência de comércio intrafirma, dado que a Bombardier possui uma filial na Irlanda do Norte.

Quanto às importações, no mesmo ano, 2008, o Reino Unido foi o quarto maior fornecedor do Quebec, tendo destinado para a província 55% do total exportado para o Canadá no período (INSTITUT DE LA STATISTIQUE DU QUÉBEC, 2009). Entre os principais produtos importados, figuram derivados de petróleo, peças para aviões e helicópteros e peças de turborreatores ou turbopropulsores. Entretanto, a representatividade de tal percentual deve ser relativizada, uma vez que cerca de metade das importações de origem britânica apenas entra no Canadá pelo Quebec, mas não é destinada para o mercado local.

## **Investimentos**

Com um pouco mais de uma centena de filiais de diferentes empresas britânicas instaladas em território quebequense, o Reino Unido afirma-se como um dos principais investidores estrangeiros da província. O Quebec, por sua vez, conta com cerca de 50 empresas em território britânico, todas elas com uma ou mais filiais.

## **Educação e Cultura**

A cooperação entre o governo do Quebec e o do Reino Unido existe há quase três décadas. Mais especificamente, tal cooperação teve início em 1980, quando a província apoiou o British Council<sup>15</sup> a pôr em prática um programa de intercâmbio de assistentes de ensino de idiomas. Além disso, em 1991, foi concluído um acordo com o mesmo organismo, desta vez acerca do estabelecimento de relações culturais bilaterais. Já no ano de 2002, ambos os governos assinaram uma declaração conjunta reiterando seu interesse de encorajar e de estimular a cooperação já existente nos setores de educação e da cultura. Além disso, ambas as partes igualmente manifestaram sua vontade de incentivar iniciativas em um novo setor, o de pesquisa, ciência e tecnologia.

---

<sup>15</sup> Organização internacional do Reino Unido para educação e relações culturais, que busca estabelecer a troca de experiências e fortalecer laços que resultem em benefícios mútuos para o Reino Unido e para os países onde atua em: educação, língua inglesa, ciências, arte, governança e direitos humanos.

## Conclusão

A partir da segunda metade do século XX, muitas mudanças ocorreram no cenário internacional. Dentre elas, certamente uma das que chama à atenção é a emergência de novos atores do Sistema Internacional, destacadamente aqueles subnacionais, como é o caso do Quebec, da Catalunha e de Flandres, entre outros. Ainda que tais atores não substituam o papel desempenhado pelos Estados nas relações internacionais, é possível perceber que os primeiros, não raramente, desenvolvem atividades paralelas àquelas desenvolvidas pelo Estado em cujo território estão inseridos. No caso do Quebec, mais especificamente, o que se percebe é que tais iniciativas são imbuídas de um espírito mais ou menos separatista em relação a suas ligações econômicas, sociais e culturais com o Canadá, caracterizando, assim, uma espécie de ação protodiplomática por parte da província francófona.

E o que motiva tal comportamento? Como se tentou demonstrar ao longo do presente trabalho, são diferentes as razões que impulsionam as relações internacionais quebequenses. Em primeiro lugar, observa-se que o fenômeno da globalização trouxe com ele muitas transformações de cunho econômico, mais especificamente: o realinhamento da economia mundial, marcado pela intensificação dos fluxos internacionais de comércio e de investimento, além da ascensão de economias emergentes; a integração econômica, que consiste, entre outros, na progressiva eliminação de barreiras comerciais e no movimento de fatores de produção; a busca pelo desenvolvimento sustentável e por uma melhor distribuição de riquezas, com destaque para a progressiva melhora dos índices sócio-econômicos mundiais, ainda que, inegavelmente, existam regiões mais beneficiadas que outras; e, por fim, a questão da tecnologia, do conhecimento e da cultura, cujos estímulo e desenvolvimento se tornaram fatores cruciais no crescimento econômico e na competitividade dos países.

Em segundo lugar, observa-se que a questão nacional, aqui subdividida em fatores sócio-culturais e fatores político-legais, também exerce influência sobre esse comportamento. Quanto aos primeiros, o que se observa é que, por mais de um quarto de século, a maioria francófona no Quebec tem insistido que ela constitui



uma comunidade cultural distinta, com sua história, sua língua, seu sistema legal, seus valores, sua concepção de lugar no mundo, sua consciência coletiva de ser um povo distinto (PAREKH, 2002). Nesse sentido, a partir da exposição de Keating (1997 *apud* GRAEFE, 2003), o que se constata é que, ainda que não se invista necessariamente de soberania completa, o Quebec procura formas mais amplas de autogestão, de auto-expressão e de reconhecimento. Por fim, quanto à questão político-legal, o principal argumento que embasa a teoria quebequense de autonomia no cenário internacional é o fato de a Constituição Canadense não fazer referência alguma em relação à condução das relações internacionais, uma vez que tal legislação remonta ao período colonial. Assim, legalmente, o Quebec é um Estado federado detentor de responsabilidades políticas que lhe são próprias e que, ao menos no entendimento do governo local, possui jurisdição exclusiva no que diz respeito a diferentes temas, entre eles as relações internacionais.

Isso posto, passa-se a analisar o conjunto das principais relações estabelecidas entre o Quebec e os países mais representativos da América e da Europa, no contexto da análise realizada no presente trabalho. O que se percebe, a partir disso, é que aquelas relacionadas a aspectos econômicos são as que, inegavelmente, ganham mais ênfase e que se desenvolvem de modo mais intenso e significativo, embora o discurso predominante ainda seja permeado pela noção de opressão política e cultural. Ainda que o caráter da federação canadense e o papel da França tenham caracterizado certo período (BALTHAZAR, 2003), atualmente o que se percebe é um movimento quebequense em direção a parceiros comerciais, a parceiros de pesquisa e de desenvolvimento de tecnologias e, até mesmo em direção a países com potencial de mão-de-obra qualificada para suprir as necessidades da província, a fim de que essa se mantenha em sua trajetória de prosperidade e de desenvolvimento.

Por fim, cabe assinalar, ainda que a administração das relações internacionais dentro do governo quebequense tenha conhecido falhas, dificuldades e hesitações, como explica Balthazar (2003), é possível afirmar que estas se desenvolveram ao longo da última metade de século com considerável continuidade. Muito embora, dificuldades sempre tenham existido, existam e, certamente, continuarão a existir, o saldo de tal atuação é, com certeza, muito positivo.

## Referências Bibliográficas

BACHE, Ian; MITCHELL, James. 1999. **Globalization and UK regions: the prospects for constitutional diplomacy**. ECPR Joint Sessions of Workshops, Mannheim, 26-31.

BALTHAZAR, Louis. **As relações internacionais do Quebec**. In: GAGNON, Alain-G. (Org.). Estado e Sociedade Quebec. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003.

BANQUE DE DONNÉES DES STATISTIQUES OFFICIELLES SUR LE QUÉBEC. **Migrations internationales et interprovinciales, Québec, 1961-2008**. Maio, 2009. Disponível em: [http://www.bdso.gouv.qc.ca/pls/ken/p\\_afch\\_tabl\\_clie?p\\_no\\_client\\_cie=FR&p\\_param\\_id\\_raprt=706](http://www.bdso.gouv.qc.ca/pls/ken/p_afch_tabl_clie?p_no_client_cie=FR&p_param_id_raprt=706). Acesso em: 20/10/2009.

\_\_\_\_\_. **Exportations internationales selon les pays de destination, Québec et Canada**. Agosto, 2009. Disponível em: [http://www.bdso.gouv.qc.ca/ken\\_export\\_tabl.php?file=http://www.bdso.gouv.qc.ca/doscs-ken/multimedia/ken\\_01601\\_1621\\_fr.xls&phys=ken\\_multimedia/ken\\_01601\\_1621\\_fr.xls](http://www.bdso.gouv.qc.ca/ken_export_tabl.php?file=http://www.bdso.gouv.qc.ca/doscs-ken/multimedia/ken_01601_1621_fr.xls&phys=ken_multimedia/ken_01601_1621_fr.xls). Acesso em: 15/11/2009.

\_\_\_\_\_. **Exportations totales de ressources naturelles, énergie, mines et forêts, Québec et Canada**. Agosto, 2009. Disponível em: [http://www.bdso.gouv.qc.ca/ken\\_export\\_tabl.php?file=http://www.bdso.gouv.qc.ca/doscs-ken/multimedia/ken\\_01302\\_1925\\_fr.xls&phys=ken\\_multimedia/ken\\_01302\\_1925\\_fr.xls](http://www.bdso.gouv.qc.ca/ken_export_tabl.php?file=http://www.bdso.gouv.qc.ca/doscs-ken/multimedia/ken_01302_1925_fr.xls&phys=ken_multimedia/ken_01302_1925_fr.xls). Acesso em: 15/11/2009.

\_\_\_\_\_. **Importations internationales selon les pays d'origine, Québec et Canada**. Agosto, 2009. Disponível em: [http://www.bdso.gouv.qc.ca/ken\\_export\\_tabl.php?file=http://www.bdso.gouv.qc.ca/doscs-ken/multimedia/ken\\_01601\\_1621\\_fr.xls&phys=ken\\_multimedia/ken\\_01601\\_1623\\_fr.xls](http://www.bdso.gouv.qc.ca/ken_export_tabl.php?file=http://www.bdso.gouv.qc.ca/doscs-ken/multimedia/ken_01601_1621_fr.xls&phys=ken_multimedia/ken_01601_1623_fr.xls). Acesso em: 15/11/2009.

BARFIELD, Claude E.; THUM, Cordula. **American Alliance Capitalism**. In: Alliance Capitalism and Corporate Management. DUNNING, John; BOYD, Gavin. Cheltenham: Edward Elgar, 2003.

BP. **Statistical Review of World Energy 2009**. Disponível em: [http://www.bp.com/liveassets/bp\\_internet/globalbp/globalbp\\_uk\\_english/reports\\_and\\_publications/statistical\\_energy\\_review\\_2008/STAGING/local\\_assets/2009\\_downloads/statistical\\_review\\_of\\_world\\_energy\\_full\\_report\\_2009.pdf](http://www.bp.com/liveassets/bp_internet/globalbp/globalbp_uk_english/reports_and_publications/statistical_energy_review_2008/STAGING/local_assets/2009_downloads/statistical_review_of_world_energy_full_report_2009.pdf). Acesso em: 24/10/2009.

BUZAN, Barry. **Security: a new framework for analysis**. Colorado: Lynne Rienner, 1998.

CENTRAL INTELLIGENCE AGENCY. **The World Fact Book**. Julho, 2009. Disponível em: <https://www.cia.gov/library/publications/the-world-factbook/geos/ee.html>. Acesso em: 12/10/2009.

CONFERÊNCIA DAS NAÇÕES UNIDAS PARA O COMÉRCIO E O DESENVOLVIMENTO. **Science, technology and innovation policy reviews (STIPs)**. Disponível em: <http://www.unctad.org/Templates/Page.asp?intItemID=3434>. Acesso em: 24/10/2009.

DAVIS, Richard; HIRJI, Rafik. **Water Conservation: Urban Utilities**. Washington D.C.: World Bank, 2003. Disponível em: [http://www-wds.worldbank.org/external/default/WDSContentServer/WDSP/IB/2008/03/28/000334955\\_20080328074523/Rendered/PDF/263230NWP0Box311010Urban0Utilities0.pdf](http://www-wds.worldbank.org/external/default/WDSContentServer/WDSP/IB/2008/03/28/000334955_20080328074523/Rendered/PDF/263230NWP0Box311010Urban0Utilities0.pdf). Acesso em: 24/10/2009.

FERNÁNDEZ, Luiz Moreno. **La federalización de España: poder político y territorio**. Madrid: Siglo XXI de España Editores, 1997.

FONTE, John. **Post-West syndrome: when patriotism is threatened, so are the roots of democracy**. National Review, New York, out. 1997. Disponível em: <http://www.thefreelibrary.com/Post-West+syndrome%3a+when+patriotism+is+threatened%2c+so+are+the+roots...-a019973501>. Acesso em: 07/09/2009.

FRONZAGLIA, Maurício Loboda. **Unidades subnacionais e relações internacionais: um estudo de caso sobre a cidade de São Paulo**. 233 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Políticas) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2005.

GAGNON, Alain-G. (Org.). **Estado e Sociedade Quebec**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003.

GAGNON, Alain-G.. **O dossiê constitucional Quebec-Canadá.** In: GAGNON, Alain-G. (Org.). Estado e Sociedade Quebec. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003.

GONÇALVES, Reinaldo et al. **A Nova Economia Internacional: Uma Perspectiva Brasileira.** Rio de Janeiro: Campus, 1998.

INSTITUT DE LA STATISTIQUE DU QUÉBEC. **Commerce International du Québec - Édition 1999.** Março, 2000. Disponível em: [http://www.bdso.gouv.qc.ca/docs-ken/multimedia/PB01601FR\\_Commerce\\_international1999A00F01.pdf](http://www.bdso.gouv.qc.ca/docs-ken/multimedia/PB01601FR_Commerce_international1999A00F01.pdf) e em [http://www.bdso.gouv.qc.ca/docs-ken/multimedia/PB01601FR\\_Commerce\\_international1999A00F02.pdf](http://www.bdso.gouv.qc.ca/docs-ken/multimedia/PB01601FR_Commerce_international1999A00F02.pdf). Acesso em: 15/11/2009.

\_\_\_\_\_. **Exportations internationales selon les pays de destination, en dollars courants, Québec et Canada, janvier-décembre, 2007 et 2008.** Agosto, 2009. Disponível em: [http://www.stat.gouv.qc.ca/donstat/econm\\_finnc/comrc\\_exter/comrc\\_inter\\_inter/exp\\_pays\\_2008.htm](http://www.stat.gouv.qc.ca/donstat/econm_finnc/comrc_exter/comrc_inter_inter/exp_pays_2008.htm). Acesso em: 17/11/2009.

\_\_\_\_\_. **Importations internationales selon les pays d'origine, en dollars courants, Québec et Canada, janvier-décembre, 2007 et 2008.** Agosto, 2009. Disponível em: [http://www.stat.gouv.qc.ca/donstat/econm\\_finnc/comrc\\_exter/comrc\\_inter\\_inter/imp\\_pays\\_2008.htm](http://www.stat.gouv.qc.ca/donstat/econm_finnc/comrc_exter/comrc_inter_inter/imp_pays_2008.htm). Acesso em: 17/11/2009.

INTERNATIONAL ENERGY AGENCY. **Electricity/Heat by Country/Region in 2006.** Disponível em: <http://www.iea.org/stats/prodresult.asp?PRODUCT=Electricity/Heat>. Acesso em: 24/10/2009.

KARMIS, Dimitrios. **Pluralismo e identidade(s) nacional(ais) no Quebec contemporâneo: esclarecimentos conceituais, tipologia e análise do discurso.** In: GAGNON, Alain-G. (Org.). Estado e Sociedade Quebec. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003.

KEATING, Michael. **Nations against the State.** New York: St. Martin's Press, 1996.

\_\_\_\_\_. **Plurinational Democracy.** Oxford: Oxford University Press, 2001.

KEOHANE, Robert O.; NYE, Joseph S.. **Power and interdependence**. New York: Longman, 2001.

LIST, Friedrich. **Sistema Nacional de Economia Política**. São Paulo: Abril Cultural, 1983 [1841].

MINISTÈRE DE L'IMMIGRATION ET DES COMMUNAUTÉS CULTURELLES DU QUÉBEC. **Population immigrée recensée au Québec et dans les régions en 2006: caractéristiques générales**. Maio, 2009. Disponível em: <http://www.micc.gouv.qc.ca/publications/fr/recherches-statistiques/Population-immigree-recensee-Quebec-regions-2006.pdf>. Acesso em: 15/11/2009.

\_\_\_\_\_. **Tableaux sur l'Immigration au Québec, 1998-2002**. Maio, 2003. Disponível em: <http://www.micc.gouv.qc.ca/publications/fr/recherches-statistiques/Immigration-Quebec-1998-2002.pdf>. Acesso em: 15/11/2009.

\_\_\_\_\_. **Tableaux sur l'Immigration au Québec, 2003-2007**. Março, 2008. Disponível em: [http://www.micc.gouv.qc.ca/publications/fr/recherches-statistiques/Immigration\\_Qc\\_2003-2007.pdf](http://www.micc.gouv.qc.ca/publications/fr/recherches-statistiques/Immigration_Qc_2003-2007.pdf). Acesso em: 15/11/2009.

\_\_\_\_\_. **Tableaux sur l'immigration permanente au Québec - 2004-2008**. Março, 2009. Disponível em: <http://www.micc.gouv.qc.ca/publications/fr/recherches-statistiques/Immigration-Quebec-2004-2008.pdf>. Acesso em: 15/11/2009.

\_\_\_\_\_. **Vers une Politique Gouvernementale de Lutte Contre le Racisme et la Discrimination - Caractéristiques de la Population des Communautés Culturelles**. 2006. Disponível em: <http://www.micc.gouv.qc.ca/publications/fr/dossiers/Consultation-Pol-Lutte-Racisme-Statistiques.pdf>. Acesso em: 17/11/2009.

MINISTÈRE DES FINANCES DU QUÉBEC. **Le Profil Économique et Financier du Québec - Édition 2009**. Disponível em: [http://www.finances.gouv.qc.ca/documents/autres/fr/AUTFR\\_profil2009.pdf](http://www.finances.gouv.qc.ca/documents/autres/fr/AUTFR_profil2009.pdf). Acesso em: 12/10/2009.

MINISTÈRE DES RELATIONS INTERNATIONALES DU QUÉBEC. **La Politique Internationale du Québec: La Force de l'Action Concertée**. 2006. Disponível em: <http://www.mri.gouv.qc.ca/fr/pdf/Politique.pdf>. Acesso em: 12/10/2009.

\_\_\_\_\_. **A Ação Internacional do Quebec – Fundamentos jurídicos e históricos.** Agosto, 2006. Disponível em: [http://www.mri.gouv.qc.ca/po/pdf/action\\_internationale2.pdf](http://www.mri.gouv.qc.ca/po/pdf/action_internationale2.pdf). Acesso em: 12/10/2009.

\_\_\_\_\_. **Ententes et Projets de Coopération - Projets Réalisés.** 2009. Disponível em: [http://www.mri.gouv.qc.ca/fr/solidarite\\_internationale/resultat\\_projet.asp?type=AV](http://www.mri.gouv.qc.ca/fr/solidarite_internationale/resultat_projet.asp?type=AV). Acesso em: 17/11/2009.

\_\_\_\_\_. **Ententes et Projets de Coopération - Projet en Cours.** 2009. Disponível em: [http://www.mri.gouv.qc.ca/fr/solidarite\\_internationale/resultat\\_projet.asp?type=A](http://www.mri.gouv.qc.ca/fr/solidarite_internationale/resultat_projet.asp?type=A). Acesso em: 17/11/2009.

\_\_\_\_\_. **Portrait de la Relation Bilatérale Québec-France.** 2008. Disponível em: [http://www.mri.gouv.qc.ca/fr/pdf/relation\\_france\\_quebec.pdf](http://www.mri.gouv.qc.ca/fr/pdf/relation_france_quebec.pdf). Acesso em: 17/11/2009.

MINISTÈRE DES RESSOURCES NATURELLES ET DE LA FAUNE DU QUÉBEC. **La production d'électricité disponible par source d'énergie (1981-2006).** Disponível em: <http://www.mrnf.gouv.qc.ca/publications/energie/statistiques/production-electricite.xls>. Acesso em: 24/10/2009.

MINISTÈRE DU DÉVELOPPEMENT ÉCONOMIQUE, DE L'INNOVATION ET DE L'EXPORTATION DU QUÉBEC. **Les Relations Économiques entre le Québec et les États-Unis - Une Mise en Perspective.** Disponível em: [http://www.mdeie.gouv.qc.ca/fileadmin/sites/internet/documents/publications/pdf/Exportation/comex/relations\\_USA.pdf](http://www.mdeie.gouv.qc.ca/fileadmin/sites/internet/documents/publications/pdf/Exportation/comex/rerelations_USA.pdf). Maio, 2006. Acesso em: 15/11/2009.

\_\_\_\_\_. **Note sur l'Économie et le Commerce - Le Mexique.** Disponível em: [http://www.mdeie.gouv.qc.ca/fileadmin/sites/internet/documents/publications/pdf/Exportation/notes\\_econo/note\\_mexique\\_economie\\_commerce.pdf](http://www.mdeie.gouv.qc.ca/fileadmin/sites/internet/documents/publications/pdf/Exportation/notes_econo/note_mexique_economie_commerce.pdf). Agosto, 2009. Acesso em: 15/11/2009.

MINISTÈRE DU TOURISME DU QUÉBEC. **Le tourisme en chiffres - Édition 2009.** Abril, 2009. Disponível em: <http://www.bonjourquebec.com/mto/publications/media/document/etudes-statistiques/Tourisme-chiffres2009.pdf>. Acesso em: 24/10/2009.

MINGST, Karen. **Essentials of International Relations**. New York: W. W. Norton & Company, 2001.

MINGST, Karen A.; SNYDER, Jack, L.. **Essential Readings in World Politics**. New York: W. W. Norton & Company, 2004.

PAREKH, Bhikhu C.. **Rethinking Multiculturalism: Cultural Diversity and Political Theory**. Cambridge: Harvard University Press, 2002.

PIEBALGS, Andris. **Recent EU developments on energy policy**. Paris, 13 June 2006. Disponível em: <http://europa.eu/rapid/pressReleasesAction.do?reference=SPEECH/06/375&format=PDF&aged=1&language=EN&guiLanguage=en>. Acesso em: 24/10/2009.

STIGLITZ, Joseph E. **The Way Ahead**. In: MINGST, Karen A.; SNYDER, Jack, L.. **Essential Readings in World Politics**. New York: W. W. Norton & Company, 2004.

REZEK, Francisco. **Direito Internacional Público: curso elementar**. São Paulo: Saraiva, 2005.

STATISTIQUE CANADA. **Tableau 376-0037: Bilan des investissements internationaux, annuel (dollars x 1.000.000)**. Disponível em: <http://estat2.statcan.gc.ca/Results/OMNC69.CSV>. Acesso em: 20/10/2009.

TURGEON, Luc. **Interpretar os percursos históricos do Quebec: entre a sociedade global e o espaço regional**. In: GAGNON, Alain-G. (Org.). **Estado e Sociedade Quebec**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003.

UNITED NATIONS DEVELOPMENT PROGRAM. **Human Development Report 2009**. Disponível em: [http://hdr.undp.org/en/media/HDI\\_trends\\_components\\_2009.xls](http://hdr.undp.org/en/media/HDI_trends_components_2009.xls). Acesso em: 24/10/2009.

VINER, J.. **The customs union issue**. New York: Carnegie Endowment for International Peace, 1950.

WESTPHAL, Kirsten. **Energy in International Relations: Dominance of Politics over Economics?** 2004. 45TH ISA Annual Convention, Montreal. Disponível em: <http://www.allacademic.com/pages/p73370-1.php>. Acesso em: 24/10/2009.

WORLD BANK. **2008 World Development Indicators: Poverty data, A supplement to World Development Indicators 2008.** Disponível em: <http://siteresources.worldbank.org/DATASTATISTICS/Resources/WDI08supplement1216.pdf>. Acesso em: 24/10/2009.

\_\_\_\_\_. **World Development Indicators database.** Outubro, 2009. Disponível em: <http://siteresources.worldbank.org/DATASTATISTICS/Resources/GDP.pdf>. Acesso em: 12/10/2009.

WORLD TOURISM ORGANIZATION. **Tourism Highlights - 2009 Edition.** Disponível em: [http://www.unwto.org/facts/eng/pdf/highlights/UNWTO\\_Highlights09\\_en\\_HR.pdf](http://www.unwto.org/facts/eng/pdf/highlights/UNWTO_Highlights09_en_HR.pdf). Acesso em: 24/10/2009.

WORLD TRADE ORGANIZATION. **Statistics database: Trade Profiles.** Abril, 2009. Disponível em: [http://stat.wto.org/CountryProfiles/US\\_E.htm](http://stat.wto.org/CountryProfiles/US_E.htm). Acesso em: 12/10/2009.

\_\_\_\_\_. **International Trade Statistics 2008.** Disponível em: [http://www.wto.org/english/res\\_e/statis\\_e/its2008\\_e/its2008\\_e.pdf](http://www.wto.org/english/res_e/statis_e/its2008_e/its2008_e.pdf). Acesso em: 12/10/2009.